

Sonia Maria Diaz Venancio

O CORPO NA EDUCAÇÃO FÍSICA
UMA FALA OCULTA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

CAMPINAS - 1 9 9 3

Sonia Maria Diaz Venancio

O CORPO NA EDUCAÇÃO FÍSICA
UMA FALA OCULTA

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO FÍSICA à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP - sob a orientação do Prof. Dr. Joel Martins.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

CAMPINAS - 1 9 9 3

COMISSÃO JULGADORA



PROF. DR. JOEL MARTINS



PROF. DR. JOAO BATISTA FREIRE DA SILVA



PROF. DR. EDISON DUARTE

Sonia Maria Diaz Venancio

Este exemplar corresponde à redação
final da Dissertação defendida por
SONIA MARIA DIAZ VENANCIO e
aprovada pela Comissão Julgadora em
26 de fevereiro de 1993

Data : 26/02/93

Assinatura : 

Faculdade de Educação Física
UNICAMP
Campinas - 1993

AGRADECIMENTOS

Quero começar falando que quando decidi realizar este trabalho escolhi caminhar ao encontro do sentido do corpo. Traduzir em palavras o percurso percorrido é muito difícil. Ao pensá-lo vem uma sucessão de paisagens, sensações, sentimentos, visões, pensamentos, pessoas. As pessoas! Quando as penso, o faço com todos os meus sentidos. A imagem se mistura com o sentir e o resultado é o que vivi nos seus abraços - presença, companhia, carinho, compreensão e incentivo.

Ao Prof. Dr. Joel Martins, meu orientador, por caminhar comigo, me mostrar horizontes, me ensinar.

Aos sujeitos da pesquisa, professores de Educação Física da FEF-UNICAMP, por terem me deixado desvelar nos seus discursos elementos de uma constelação de signos - o corpo.

Aos Prof(s). Drs. João Batista Freire da Silva, Edison Duarte e Wagner Wey Moreira, componentes da banca examinadora, pelas significativas contribuições.

Ao Eduardo Ribeiro Machado, por não só ter estado sempre junto mas vivido e repartido comigo este percurso.

Aos amigos Rico, Claudinho, Leo, Josélia, Nana, Ieda, Dulce e Moa, companheiros que de uma forma muito querida e especial incentivaram minha caminhada.

Aos amigos Humberto e Cris por terem feito este texto ser possível de existir e poder ser lido. Numa analogia: de ser vivo por si só e de poder ser vivido pelo outro.

Aos amigos e também professores João Batista e Silvana Freire, pelos encontros, conversas, trocas e principalmente por acreditarem no meu crescimento.

A Juvandy y Wilson
por mi vida.

A Sandra e a Luiz Fermin
por serem meus irmãos e a
Gustavo e Raul por serem a
esperança.

RESUMO

Este trabalho busca nos discursos dos professores de Educação Física, a expressão da consciência do "ser corpo". A procura foi pelo sentido não do que dizem as palavras mas o que se diz entre elas.

O caminho percorrido foi feito com auxílio da metodologia qualitativa, por oferecer não só a possibilidade de ir ao encontro com o outro mas com ele procurar o significado do corpo.

O que os discursos da Educação Física desvelaram foi o diálogo existente entre o signo corpo:homem e o signo não-corpo:homem e este diálogo é o próprio homem. Reflexão que sem dúvida torna-se um espaço vibrante sobre o qual se projetam um punhado de significações, todos buscando constituir uma nova figura - um núcleo de significados no ser humano.

ABSTRACT

This work tries to depict, through the speeches from Physical Education professors, what the body expression looks like. Special attention was given for the hidden meaning of the words in the discourse.

Qualitative methodology was used, as it offers not only the possibility of being in contact with the subject, but also because it provides means to understand and study what the body, which is the subject of this work, really represents.

The dialog between signs - body:men and no body:men was revealed in the speeches. This dialog is actually the man, and this opens an exciting space for reflection, where new meanings arise, trying to build a new picture of the intrinsic of the human being.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	
VERDADE, A PALAVRA QUE BRINCA E FOLGA	
A verdade da questão - ciência e método	7
Versatilidade na ciência, no método	8
CAPÍTULO II	
A QUESTÃO DO MÉTODO	
A análise qualitativa - a fenomenologia	11
CAPÍTULO III	
CONSTITUINDO A PESQUISA	
Descrição dos momentos de análise	19
Discurso do Sujeito 1	21
Análise ideográfica	28
Discurso do Sujeito 2	29
Análise ideográfica	47
Discurso do Sujeito 3	48
Análise ideográfica	58
Discurso do Sujeito 4	59
Análise ideográfica	70

Discurso do Sujeito 5	71
Análise ideográfica	78
Discurso do Sujeito 6	79
Análise ideográfica	90
Discurso do Sujeito 7	91
Análise ideográfica	96
Discurso do Sujeito 8	97
Análise ideográfica	102
Quadro de análise nomotética	103

CAPÍTULO IV

CONSTRUÇÃO DOS RESULTADOS	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116

INTRODUÇÃO

Se ao pensar o corpo, que se apresenta sob caracteres tão diversos, uma só definição conseguisse abarcá-lo, uma só interpretação fosse possível, talvez este trabalho não existisse. Oferece-se como uma totalidade, mas, quando queremos apreender sua unidade, reparte-se. Cada parte é inteira e total, porém só se define frente a outras partes: não é senão uma relação. Logo, seu tecido de relações associa noções que deveriam excluir-se umas das outras. Foram esses sinais de sua complexidade que me levaram a querer compreender este fenômeno - o corpo.

Expressão de matizes múltiplos de afetividade, de pulsões, de emoções. Signo aberto, possibilidade de criação, de arte, de leitura. Unidade humana lotada de diversidades e sendo possibilidade de relação sujeito-mundo. Manifestação de vida, de morte. Quantas conjunções de condições físicas, sociais, culturais, biológicas, e quantas formas combinatórias, associadas, complementares, antagonistas para uma "simples" percepção, para uma "simples" idéia. Foi transitando na complexidade que descobri um vasto universo de incertezas e inquietações.

Este fenômeno vem suscitando inúmeras reflexões. É questão presente hoje nas investigações tanto da psicologia como da biologia, antropologia, física, sociologia, filosofia. Portanto, ouve-se falar muito e são muitas as suas interpretações. Cada vez

mais faz parte, reclama e ganha significado no espaço científico quando a tentativa é a compreensão do homem e do mundo.

Na Educação Física esta discussão não é nova. Há ainda um grande caminho a ser percorrido pelos especialistas da área, na tentativa de desvelar o seu pensamento acerca do corpo.

A Educação Física, ao abordar estas questões, parece ter trabalhado quase sempre como se todos os homens tivessem um mesmo corpo e respondessem ao mundo da mesma maneira. Como se o ser humano fosse objeto do mundo, existindo não como uma parte dentro de outras partes, e suas atitudes sendo vistas como meras e simples reações, respostas.

A questão humana como tão bem nos coloca (FREIRE, 1991) vai muito além dos simplismos reducionistas da tradição científica clássica. Sua ilustração é notável ao lembrar Bateson que nos fala da impossibilidade de descrever com precisão através de palavras, imagens, sons, o que é sangue, carne e ação. Foi particularmente neste ponto que me dei conta da dificuldade em superar, no discurso falado ou escrito sobre o corpo, as contradições que aparecem muitas vezes quando, ao tentar unir está a se dividir, ao tentar afirmar se está a duvidar, ao tentar coerência se fica na incoerência.

Sangue, músculos, coração, pulmões... são constitutivos anatomo-funcionais. Escrever, falar, pensar, dançar, brincar... também são atos corporais. É a corporeidade que nos permite

abandonar as palavras, os desenhos, as pinturas, e evocar imagens, sentimentos, pensamentos, emoções. Sem dúvida, para pesquisar a natureza humana é preciso muito mais do que querer testar e controlar a mesma. É necessário outros tipos de posturas que contribuam para aproximar o homem da própria compreensão do homem.

Hoje já se vê um interesse maior no corpo humano como sendo humano. Isto é, corpo como nossa realidade, possibilidade e manifestação de estar e ser no mundo, com os outros, sentindo, pensando, agindo. No Brasil já existem trabalhos nesta linha de pensamento. Temos João Batista Freire (1991), Gisele Miotto (1991), Elizabeth Paoliello Machado de Souza (1992) e outros.

Quero escutar o próprio corpo falar sobre si. Quero olhar com minha pele, tocar com meus olhos, ouvir... sentir com meu pensamento. Será ele a discursar. A sua expressão não é só verbal, é também musical e visual, tátil e olfativa, sensível e mental. Ter nas mãos o seu discurso significa aproximarmo-nos do pensamento, do sentimento e da experiência do sujeito que expressa. Quem sabe assim tenhamos uma fala que não só não o suprima, mas o exprima.

Por isso resolvi ouvir e analisar os discursos dos sujeitos da Educação Física, na expectativa de que pudessem expressar uma idéia de corpo. Analisar estes discursos é tentar chegar à "consciência de" que o profissional possui. Portanto, da sua compreensão sobre as percepções que tem daquilo que está sendo

pesquisado. Não como o fim da análise, mas como o meio pelo qual se pode trazer à luz o que se busca conhecer.

É o pensamento como articulação da intelegibilidade que é veiculado através do discurso. O foco central na análise dos discursos dirige-se para os significados manifestados pelos sujeitos. Creio que, sobre isso, Martins e Bicudo nos enriquecem quando descrevem:

"...os dados obtidos são as situações vividas que foram conscientemente tematizadas pelos sujeitos. Os significados são os aspectos do evento que o sujeito tematizou conscientemente". (1989, p. 94).

Este estudo busca revelar nos discursos dos sujeitos uma linguagem, expressão dessa fala oculta, porém não inexistente, na Educação Física. Universo ainda cifrado, ou em clave, ao se tratar de corpo. A tentativa é traduzir, decifrar, mostrar o que surge do interior desta linguagem, expressão da consciência de si - descrição e interpretação do mundo. Isto é, como no discurso sobre o corpo as pessoas da Educação Física representam as palavras para si mesmas, utilizando suas formas de significado. Ou ainda, como as mesmas revelam e ocultam no discurso o sentido do seu modo de "ser" corpo.

Foi com esta intensão que passei a descrever esta pesquisa. No primeiro capítulo, caminhei na leitura sobre a ciência, fazendo passagens rápidas sobre a sua "verdade", versatilidade e

métodos, com o objetivo de ressaltar que a grande descoberta do pensamento moderno nas suas distintas áreas de conhecimento, como bem lembrou Paz, é ter encontrado:

"...en lugar de un elemento último irreductible, una relación, un conjunto de partículas inestables y evanescentes. La unidad es plural, contradictoria, en perpetuo cambio e insustancial." (1974, s.p.)

No segundo capítulo esclareci e expus os momentos do método de análise qualitativa do fenômeno situado. Ainda discorri sobre a questão de sua escolha, mantendo a pesquisa na escala do humano, onde o corpo não se inventa, ele brota, se desprende como um fruto ou um filho do corpo do mundo. Sua presença funde-se ao mundo, impondo-lhe condições de existência.

O capítulo III, denominado Constituinte a Pesquisa, contém todos os discursos dos sujeitos, seus momentos de análise, a análise ideográfica, e a análise nomotética. Aqui, como pesquisadora, movimento-me em direção à generalidade - as verdades gerais encontradas.

A Construção dos Resultados é o capítulo IV. Nele refleti de forma crítica as possíveis afirmações necessárias ao desvelar do fenômeno. Fica expresso a busca do sentido de todo o trabalho que é um dizer em potencial, uma iminência de significados que só se

desprendem e encarnam diante da mirada alheia. Isto é, o trabalho só produz significado quando o leitor ou o ouvinte o põe em movimento.

Minha contribuição resume-se a revelar os signos, e as suas possibilidades de combinação, que estão contidos nesta fala, onde nunca é proferida a última palavra.

CAPÍTULO I

VERDADE, A PALAVRA QUE BRINCA E FOLGA

"Não esqueçamos que a ciência é evolutiva não só no seu saber e nas suas teorias mas também no seu modo de interpretação". (MORIN, 1980, p. 97)

A verdade da questão - ciência e método

A problemática das "questões do método" é a mesma da produção do conhecimento científico - da ciência. Verdade, progresso, método têm sido pontos levados a múltiplos níveis em incansáveis discussões por cientistas, filósofos e pelo senso comum. A missão de encontrar a certeza perdida e o princípio uno da verdade parece ser a base até hoje do conhecimento científico. Pensamento vivo que tem conduzido à grande aventura do universo, da vida, do homem. Nesta interminável procura, perde-se ao edificar seu pensamento sobre uma rocha de certezas quando trata-se de compreender o mistério das coisas num universo físico, biológico, humano...

A história da ciência tem mostrado que não existem teorias que possam ser designadas como verdadeiras. Elas são adequadas para dados verificados, relativamente a uma certa perspectiva, a um certo contexto, isto é, adaptadas ao estado contemporâneo do conhecimento, até não surgirem dados desconhecidos e invisíveis. A partir desses

novos dados aparece o conflito. Então se elas deixam de ser adequadas e, se não é possível ampliá-las, é necessário o surgimento de outras novas teorias. A ciência moderna precisou tomar consciência de que todas as teorias científicas são aproximações da verdadeira natureza da realidade. As teorias são limitadas e aproximadas, algumas são mais precisas que as anteriores, embora nenhuma represente uma descrição completa e final dos fenômenos naturais.

A verdade da ciência não estaria unicamente na capitalização das verdades adquiridas, na verificação das teorias conhecidas, mas sim, no caráter aberto da aventura que hoje exige a contestação das suas próprias estruturas do pensamento.

Nos conta também a História da Humanidade que o universo tem trocado de figura e que a forma de pensamento linear tem perdido seus privilégios. Da Física, a Química e a Biologia à Linguística, a Antropologia e a Psicologia, vem acontecendo não só o abandono das explicações lineares, como vem coincidindo a visão da realidade como um sistema de relações sincrônicas.

Versatilidade na ciência, no método

Nenhuma teoria científica pode tratar de modo exaustivo a realidade nem encerrar seus objetos de estudos em esquemáticos paradigmas. Toda teoria deve permanecer aberta, isto é, inacabada, insuficiente. Esta é a brecha, que ao mesmo tempo é a boca faminta e

sedenta que fará prosseguir a investigação, que por sua vez não deixará quebrar o fluxo dialético da roda viva da vida. Sempre haverão mais coisas para se investigar. A pesquisa não para. O pesquisador está sempre interrogando, mesmo porque suas verdades não são absolutas, são relativas, dependentes de sua temporalidade.

É necessário ter consciência da versatilidade da ciência que nada mais é que a própria versatilidade da vida. Uma noção de caracteres versáteis, multidimensionais, incertos, ambíguos e contraditórios. Edgar Morin fala com mestria sobre a versatilidade da vida:

"... é unicamente física, e é diferente de todos os outros fenômenos físicos. É espécie e é indivíduo. É descontinuidade (nascimentos) existências (mortes) e é continuidade (ciclos, anéis, processos). É reprodução e é trocas. É invariância e é variações. É constância e renovamentos. É conservação e é evolução. É repetição e é inovação. É integração e é disseminação. É egocentrismo e é ego-altruísmo. É economia e é desperdício. É regulação e é ubris. Produz finalidades, mas não procede de nenhuma finalidade, e a finalidade das suas finalidades é incerta". (1980, p. 325).

Relativizar o valor universal da cientificidade, o valor universal da vida, é um desafio. Lógico e aceito enquanto suas constâncias, regularidades, repetições e leis, ambíguo e incapaz

quanto suas perturbações, acidentes, incertezas, riscos e vazios.

Tanto a psicologia como as outras áreas do saber buscam na Física clássica o seu modelo de análise e geram projetos e métodos de pesquisa coerentes com os pressupostos daquela ciência natural. O **cuidado necessário** acredito ser o de **decidir-se por um**, entre os vários modelos existentes, que **adapte-se** aos acontecimentos investigados, ou se **desenvolver** modelos próprios independentes e metodologias decorrentes adequadas, mesmo porque a realidade é múltipla. Se a realidade é múltipla, então quando se faz pesquisa o cuidado ao desenvolvê-la tem que ser maior, pois, localizada a dúvida se tem uma interrogação que leva a uma trajetória de possibilidades, também múltiplas, em direção ao fenômeno.

Em outras palavras, a complexidade não é só o problema do objeto de investigação; é também o problema do método **necessário** a este objeto.

CAPÍTULO II

A QUESTÃO DO MÉTODO

Uma questão de disponibilidade, expressão e compromisso no caminho de encerrar a paisagem e abrir o objeto, nunca se fechando na sua perspectiva.

A análise qualitativa - a fenomenologia

"As ciências Humanas não parecem ter ido além da fase newtoniana, na qual o método determina as questões a serem propostas e os temas de investigação são limitados a fenômenos que levam sempre a métodos quantitativos de pesquisa" (Joel Martins, apostilas do curso Psicologia Avançada).

A opção pela análise qualitativa nesta pesquisa compatibiliza o desejo de chegar a uma compreensão do fenômeno "corpo" dentro da Educação Física, com uma metodologia que fosse ao mesmo tempo qualitativa e rigorosa, o que a ciência clássica, só com suas técnicas e recursos de mensuração, não oferece.

Neste trabalho, cuja intensão é investigar como os sujeitos da Educação Física - os profissionais da área - compreendem o corpo, condição humana de presença muito particular no mundo, as questões do método apresentam dificuldades especiais. Como

investigar com rigor científico aspectos da natureza humana que não se revelam aos procedimentos tradicionais da ciência clássica? Como tratar das questões do sentir e do viver do sujeito que está a viver a situação da pesquisa? Que linguagem saberia descrever estas questões? Como trazer para a cientificidade as folhas de uma fala oculta que está por trás de toda investigação? Que caminho mais adequado tomar para chegar no que ora me inquieta, e faz de mim pesquisadora em movimento à procura de compreensão dessa leitura do corpo, que os profissionais de Educação Física possuem?

Sobre o problema da linguagem na ciência, gostaria de lembrar Morin (1982) quando se refere ao seu desejo de que as batas brancas, quando levantem o nariz das suas retortas, disponham da qualidade perceptiva, descritiva, analítica de um Proust ou de um Musil, grandes escritores que percebem distintamente e analisam perspicazmente, no nosso universo humano, aquilo que é vago, confuso, invisível ao olhar de cada um. Ou então, para falar do limite entre a linguagem científica e a poética, recorramos a Edmund Leach, citado por Brandão (1982) quando experienciou a dificuldade de escrever o sentimento do mundo - maneiras de sentir pessoas, lugares, situações e objetos - "todas as linguagens são possíveis e a fronteira entre a ciência e a poesia pode ser grande ou pode ser nenhuma".

Pesquisar este discurso do corpo pode gerar produções intelectuais e práticas que trarão certamente, não só a comunidade científica, como outras pessoas que se interessem pela compreensão

do corpo.

A modalidade de pesquisa qualitativa escolhida para este estudo é a da análise de estrutura do fenômeno situado. Isto significa definir uma região de inquérito, nesta interrogar o fenômeno e, sob orientação da fenomenologia, analisar rigorosamente a estrutura do que se busca conhecer.

Resolvi pesquisar com os profissionais de Educação Física porque o objetivo deste estudo não é saber o que a ciência e a filosofia, parafraseando Freire (1991), "dizem e fazem com o corpo", mas sim percorrer o território da Educação Física no encalce da sua compreensão de corpo. Que corpo é esse de que tanto se fala? O que ele nos fala? Que paisagem nos revela? Quais os elementos que nos entrega para uma viagem de significados que devemos fazer com nossas próprias pernas?

Por ter vivido, durante a elaboração deste trabalho, o processo de discussão que acontecia na Faculdade de Educação Física da Unicamp sobre a reestruturação da Educação Física à procura de identidade - área própria de conhecimentos, elementos constitutivos e aplicabilidade que lhe permita explicar-se por si mesma - e por acreditar constituir uma oportunidade de vir melhor a habitar esta casa, é que decidi por este universo. Uma forma mais próxima de compreender as pessoas que trabalham e produzem para criar condições favoráveis de formação profissional de qualidade.

Convém agora esclarecer sobre este método da análise qualitativa do fenômeno situado, no que diz respeito à questão metodológica:

a. situacionalidade da pesquisa - nas dependências da FEF-UNICAMP, já que os sujeitos desta investigação são os professores desta instituição.

b. o material da pesquisa - utilizamos um gravador de áudio onde são registrados os discursos dos sujeitos da pesquisa; fichas de anotação, para transcrever as descrições dos discursos, que deverão posteriormente fornecer material para organização de um banco de dados em um microcomputador. Um microcomputador utilizado na redação dos textos e na elaboração do banco de dados, onde estes são classificados; fitas de gravador cassete; disquetes para gravar os arquivos feitos no microcomputador.

c. os sujeitos da pesquisa - são alguns dos professores da FEF-UNICAMP. A escolha foi feita por sorteio aleatoriamente. Foram coletados dezesseis discursos e destes, foram necessários oito, por terem se mostrado suficientes quanto a capacidade de apontar os aspectos essenciais do fenômeno. Os oito discursos são de professores de Educação Física e seguem a ordem de registros e encontros marcados para coleta de dados.

d. a interrogação - o pesquisador deve interrogar o fenômeno na sua perspectiva. A perspectiva aqui tomada é a compreensão de corpo que os sujeitos possuem. O que o pesquisador

interroga neste caso é: o que é corpo para você? A interrogação surge no campo perceptual do sujeito situado no mundo. Ao se interrogar, as coisas do mundo se manifestam como fenômeno. Assim dirigi-me a estes professores para ouvi-los na expectativa de que pudessem expressar, na sua maneira de existir, uma idéia de corpo. Expressar, como já falei, o "ser corpo".

e. o procedimento de análise : o 1º momento da pesquisa propriamente dita é a coleta de dados. Esses dados são colhidos diretamente dos discursos dos sujeitos durante o encontro marcado para a coleta. Nosso objetivo enquanto pesquisadores, é colher inicialmente a mais fiel descrição possível. Tratando-se de discursos, optamos por grava-los, de modo que pouco se perca dos discursos articulados.

O 1º cuidado numa pesquisa desta natureza, é portanto obter as descrições. O que o pesquisador registra no gravador é a descrição insenta de interpretações nesse primeiro momento.

Após fazer as gravações, as descrições são transcritas para fichas literalmente. A partir daí o pesquisador tem diante de si um discurso escrito a ser analisado.

Neste momento, a interrogação que o pesquisador faz sobre o fenômeno deve acompanhá-lo ininterruptamente. É com a presença constante desta interrogação que ele volta a ler, e o faz inúmeras vezes, as descrições, para se familiarizar com elas.

As descrições, tais como foram apresentadas até aqui, são chamadas de descrições ingênuas, isto é, naturais, espontâneas, sem qualquer interpretação.

O momento que se segue às descrições chamaremos de discriminação das unidades de significado. É praticamente impossível analisar o texto descrito de uma só vez, por isso passaremos a analisá-lo dividido em unidades, à luz da interrogação que o pesquisador faz do fenômeno. Todos os conjuntos descritivos que sejam significativos na perspectiva de leitura do corpo, serão separados como unidades de significado, tanto quanto possível na linguagem do sujeito. Nesse momento teremos um quadro retirado da descrição ingênuas que apresenta conjuntos de significados. Isolados somente para análise, na pesquisa eles se superpõem de tal modo que implicam-se mutuamente, constituindo uma unidade.

O próximo momento será um tratamento dado pelo pesquisador a cada unidade de significado, não mais na linguagem do sujeito, mas já passada para uma linguagem do pesquisador na sua perspectiva. As transformações que a linguagem do sujeito sofre aqui justifica-se porque suas expressões ocultam múltiplas realidades que o pesquisador quer elucidar na linguagem mais específica. Isto é o que na análise fenomenológica chama-se de redução.

A cada movimento da pesquisa, o objetivo do pesquisador é ir clareando, dando luz ao fenômeno. Se as etapas forem cumpridas

com rigor, o fenômeno irá se mostrando mais claramente à compreensão do pesquisador, ou seja, irá respondendo à sua interrogação. Na elaboração da síntese, isto terá que ser feito primeiramente em relação a todas as unidades de significado de cada discurso de cada sujeito - **análise ideográfica**. Este momento permite uma reflexão, porém não se trata de uma síntese conclusiva, mas de uma análise do indivíduo e das formas de pensar à luz da interrogação do fenômeno.

Em seguida é que se fará a síntese das unidades de significado de todos os sujeitos que participaram da pesquisa - **análise nomotética**. Passa-se agora a realização de uma interpretação em direção à estrutura geral do fenômeno corpo, que é resultante das convergências e das divergências que se mostram nos casos individuais.

Necessário se faz ressaltar que, como ilustram Martins e Bicudo (1989), a análise nomotética não é somente verificação cruzada de correspondências e afirmações reais, análise de conteúdo ou análise fatorial, mas é a ação profundamente reflexiva sobre a estrutura do fenômeno à luz de outras descrições para encontrar aspectos que coincidem e que estão algumas vezes implícitos. O que se busca nesta fase são as relações gerais entre todas as unidades de significado de cada discurso. Finalmente, estes discursos, reunidos num conjunto, serão todos comentados e discutidos - **construção dos resultados**.

Resumindo, o elemento fundamental neste tipo de trabalho

é o discurso ou descrição do fenômeno experienciado pelos sujeitos da pesquisa. Daqui seguem-se os outros momentos importantes que são discriminação das unidades de significado, a redução e a interpretação fenomenológica, a síntese, a discussão e a construção dos resultados.

CAPÍTULO III

CONSTITUINDO A PESQUISA

Para facilitar a compreensão dos momentos de análise de cada discurso, descrevemos:

(a) Os discursos ingênuos de cada sujeito com suas unidades de significado já discriminadas.

(b) A seguir, numa página, temos na coluna a esquerda as unidades de significado numeradas e no verbatim do sujeito. A sua direita, uma coluna com a primeira redução fenomenológica correspondente a cada unidade de significado.

(c) Continuando noutra página, temos, na coluna da esquerda, as convergências das unidades de significado dentro do próprio discurso, isto é, reunião das unidades que se referem a um mesmo assunto, ou que possuem o mesmo conteúdo, com a finalidade de organizar as articulações dos discursos. Na coluna à direita encontram-se as interpretações das unidades de significado.

(d) As análises ideográficas de cada discurso.

(e) Para finalizar, segue a análise nomotética. Neste quadro, na primeira coluna foram descritas, e reunidas por assunto ou por conteúdo, todas as unidades de significado de todos os discursos dos sujeitos da pesquisa. Este agrupamento tem por fim nos

mostrar a inteligibilidade que envolve a articulação, a expressão, as inter-relações dos significados dos sujeitos entre si. A opacidade, o espaço em branco no quadro, é o silêncio que também é expressão. Contém uma fala, gera significados, que revela o fenômeno, mesmo quando veicula significados diferentes.

A coluna representada pelo símbolo "*", contém, para cada unidade de significado, a letra "S" de sujeito, seu número correspondente, e ainda o número da unidade de significado no discurso. As colunas à direita desta representam todos os discursos em ordem numérica, os quais correspondem ao sujeito que pertencem. Estas colunas foram preenchidas no cruzamento unidade x discurso, pela letra "C", de convergência, ou pela letra "D", de divergência, acompanhadas pelo número que diz com qual a unidade de significado convergiu ou divergiu.

Exemplificando a leitura do quadro nomotético: a unidade de significado interpretada 1 do quadro, é a unidade 1 do sujeito 2, representada no espaço "*" por "S_{2.1}". A mesma converge com a unidade 1 do discurso 7, representada no cruzamento unidade x discurso por "C-1".

Discurso do Sujeito 1

Sou professor de educação física formado em 82, embora já trabalhava um pouquinho no início da graduação, já trabalhava com várias modalidades dentro da educação física: futebol, handebol, basquete e ultimamente com handebol, novamente a nível de 3º grau.

Minha atividade sempre esteve voltada para área de treinamento, em todos os níveis, a nível de formação, onde a gente procurava uma visão e orientação de formação. Então nessa área a gente procura, principalmente eu sempre procurei, [*tratar esse corpo que você tá perguntando com muito carinho*¹], que nesse momento ele tá sendo formado e adquirindo as habilidades, a prática desportiva e, nesse momento, o profissional de educação física, no meu ver, tem que ter muita sensibilidade, porque ele pode tanto contribuir para que esse corpo tenha uma formação para atleta de alto nível, como ele pode acabar frustrando, [*não só esse corpo, como a pessoa como um todo*²].

A nível adulto, onde já encontra-se um corpo pronto para a prática, seja qual for a categoria, alto nível ou até nível de seleção brasileira, é importante também. Eu sempre dei muita atenção, porque quando se trata com esses atletas, [*você tem muitas individualidades, cada corpo é um corpo, cada atleta é um atleta*³]. Assim tem que se ter ou seguir algumas orientações. Isso cabe muito ao professor de educação física.

[A minha consciência de corpo, embora não tenha muita leitura sobre, voltada para o corpo principalmente na área filosófica⁴]. Então não tenho muita leitura nesse sentido. Mas entendo o seguinte, que o corpo, bom, no atleta de alto nível a gente acha que não tem nada para ensinar, porque este chegou a nível de seleção brasileira, e nem sempre o atleta tem ele bastante coisa a aprender - a consciência. Uma orientação do profissional de educação física então é muito importante. A gente procura essas orientações nesse sentido, uma consciência corporal. O que seria no meu ver isso? Então você pega o atleta, assim às vezes ele é acostumado fazer aquilo que o técnico passou, aquilo que é certo, aquilo que deve fazer dentro da quadra e ele mesmo não tem consciência do que ele próprio é, e isso você encontra em todos os níveis, até em nível de seleção brasileira. São detalhes às vezes pequenos que a gente conversa com o jogador e depois começa a perceber. É muito importante para o professor de educação física ter uma consciência para uma orientação nesse sentido.

Voltando a falar no atleta em formação, que foi uma preocupação que eu tive quando trabalhava, é que você de repente pode frustrar esse garoto, essa pessoa, porque você não respeitou suas limitações, que ele teve, a sua cultura onde ele veio, a sua condição social, e isto está relacionado com a formação desse garoto. Então você não respeitando isso você pode frustrar esse garoto, que poderia ser um atleta de alto nível, de repente cai no descaso aí, e não chega a ser um atleta, pelo... talvez pela má formação dos profissionais. Não respeitando isso, ou não... talvez

às vezes ele respeitou, mas não respeitou da maneira correta, pois a formação dele não foi muito adequada para ele poder entender. Porque eu vejo o seguinte, [*quando a gente trabalha com pessoas, cada caso é um caso, cada corpo é um corpo, cada atleta é um atleta, então cada isso teria um tipo de treinamento, um tipo de observação*⁵]. Então é difícil você falar geral sobre esses problemas com ele. Esse garoto chega às vezes pensando de repente que vai ser um atleta de alto nível e pode se frustrar dentro de 2,5,6 meses ou ficar 5 anos no clube e depois não ter mais idade e voltar para casa aos 20,21 sem uma formação, sem adquirir assim uma condição técnica para seguir dali para frente como profissional, e isso talvez foi de uma má orientação, que se um profissional que tivesse, respeitasse toda individualidade do indivíduo, [*tivesse um carinho especial naquele corpo*⁶] em formação, daquela pessoa em formação, teria talvez não frustrado esse garoto nessa idade, aos 21 anos ter que voltar para casa porque não tem mais condição de continuar jogando como atleta.

Tem uma outra, podemos falar agora a nível, [*eu tou falando muito a nível de experiência própria e não de leituras*⁷]. Outro lado que eu vejo também, quando na época eu dei aula em colégio, a gente às vezes começa a trabalhar com garoto de 5^a a 6^a série e já começa querer dar treinamento para esses garotos, porque tem que formar uma equipe em colégio, e isso é muito ruim, porque você acaba elitizando aqueles que já tem um pouquinho de condição e acaba entrando em treinamento, e isso ao meu ver é muito ruim também. Apesar que eu já fiz parte disso, era o que eu tinha que fazer no colégio. Isso é ruim, porque eu vejo o seguinte, quando se

trata de criança em formação pré, 1º grau e tudo, eu acho que tem, quanto mais você explorar esse corpo, explorar que eu digo dar maior situações, provocar maiores situações nesse corpo para ele poder vivenciar diferentes situações. O que eu digo é o seguinte: teria que, quando você trabalha com garotos que já aprendendo, melhorando as qualidades físicas, seria coordenação, toda essa... adquirindo, sabe? Quanto maior número, número não, é movimentos diferentes, você tentar colocar nesse aluno, provocar nesse aluno, é muito importante para sua formação. Porque depois nós temos aqui na universidade garotos de 20, 22 anos, 18 anos, que você vê que não tem a mínima consciência do que é o corpo dele, ou não consciência do que é o corpo, mas é... ele ficou assim prejudicado porque talvez ele não foi trabalhado no colégio, não teve um profissional também assim que teve essa preocupação. Teve preocupação simples de montar uma equipe, dar, soltar a bola lá e fazer os garotos jogar. Então não proporcionou a esses garotos diferentes situações, que é muito importante quando você trabalha com crianças, provocar movimentos, colocar situações que ele vai adquirir, se expressando diferentes movimentos, e isso é muito importante na formação do garoto, na consciência de corpo que ele vai ter, e agora você pega esse garoto aí, que você pode olhar e começar pela coordenação, equilíbrio, toda essa parte, começar pela postura - a postura.

Há poucos dias atrás eu tive uma experiência com uma menina de 20 anos de idade, que ela tava fazendo aula comigo, e de repente eu vi que ela tinha vários problemas a nível de postura. Então conversando com ela, eu a coloquei em frente ao espelho e

comecei a mostrar, aí ela falou "olhe eu nunca me olhei no espelho, olha como eu sou horrível", e aí ela tinha lordose, cifose, era uma menina nova. De repente isso aí foi a falta de uma orientação, de um bate papo. Mostrar um garoto frente ao espelho numa aula de educação física, olha, chamar atenção. Isso tudo faz parte do profissional de educação física. Então essa garota ficou muito preocupada e depois até eu achei que foi meio assim drástico com ela. Olha não foi não, olha como... ou tentar olhar no espelho, olha como você está! E ela, depois que ela olhou - "Ah! meu Deus, eu nunca me olhei, olha isso, olha aquilo, olha meu ombro, o direito tá baixo". Olha tua cifose, olha... mostrei a nível de quadril o desvio que tinha, mostrei tudo a ela, ela ficou impressionada. Depois tive que explicar que não era tarde, ela poderia... que a partir dali que ela tava tomando consciência do corpo dela, das limitações que ela tinha, dos problemas, que ela poderia muito bem superar isso aí. Então, é outro lado que tem que ter cuidado também, tanto na hora de falar, porque a gente pode frustrar por esse lado também.

Unidades de significado
Verbatim do sujeito

1)...tratar esse corpo que você tá perguntando com muito carinho...

2)...não só esse corpo, como a pessoa como um todo.

3)...você tem muitas individualidades, cada corpo é um corpo, cada atleta é um atleta.

4) A minha consciência de corpo, embora não tenha muita leitura sobre, voltada para o corpo principalmente na área filosófica.

5)...quando a gente trabalha com pessoas, cada caso é um caso, cada corpo é um corpo, cada atleta é um atleta, então cada isso teria um tipo de treinamento, um tipo de observação.

6)...tivesse um carinho especial naquele corpo...

7)...eu tou falando muito a nível de experiência própria e não de leituras.

Redução Fenomenológica

1. o corpo é aquilo que deve ser tratado com muito carinho.

2. não só esse corpo como a pessoa como um todo.

3. cada corpo é um corpo individual.

4. o sujeito não lê muito sobre o assunto corpo.

5. cada corpo é um corpo, então para cada corpo um tipo de treinamento.

6. tivesse um carinho especial naquele corpo.

7. o sujeito fala do corpo partindo de sua experiência própria.

Convergências no discurso**A relação : idéia de corpo - leituras**

1. O sujeito não lê muito sobre o assunto corpo. (4) O sujeito fala do corpo partindo de sua experiência própria. (7)

Preocupações

2. O corpo é aquilo que deve ser tratado com muito carinho. (1) tivesse um carinho especial naquele corpo. (6)

Corpo como algo individual

3. Cada corpo é um corpo individual. (3) cada corpo é um corpo, então para cada corpo teria um tipo de terinamento, um tipo de observação. (5)

Corpo : Ser Humano

4. Não só esse corpo como a pessoa como um todo(2)

Unidades de significado interpretadas**A relação : idéia de corpo - leituras**

1. A idéia de corpo advem da experiência própria do sujeito e não de leituras.

Preocupações

2. O corpo é aquilo que deve ser tratado com carinho.

Corpo como algo individual

3. Cada corpo é um corpo individual.

Corpo : Ser Humano

4. Corpo é a pessoa como um todo.

ANÁLISE IDEOGRÁFICA

Aparecem aqui duas preocupações: deixar claro que a idéia de corpo não advém de leituras, principalmente na área filosófica, mas sim de experiência própria e que, ao reconhecer as individualidades e diferenças existentes em cada ser humano, há a necessidade de um tratamento específico, um treinamento, não só do corpo, como da pessoa como um todo. Manifesta ainda um cuidado - tratar com carinho esse corpo.

Discurso do Sujeito 2

Sou formado em educação física, formei em 84, fiz outras coisas além disso. Na educação física fiz atletismo, fiz dança, capoeira, música, desenho, teatro, que mais?

E aí? Bom, a pergunta é: que é corpo? [*É tão interessante, tou sempre fazendo essa pergunta, o que é corpo¹*] e só cato respostas, assim... se ficar com um painel muito grande na cabeça, por mais... para mim, sempre colocando, [*não daria pra se falar do corpo como uma coisa solta assim²*], né? [*O corpo é... não dá pra dizer que é veículo porque ele... porque a gente não está montado nele³*], não tá montado, então não tá... [*não é como se fossem duas peças que se engrenam e vão caminhando juntas e chega uma hora e elas se separam⁴*].

[*Pra se falar de corpo, você tem que falar do ser humano, e falar do ser humano, aí a coisa fica muito complexa⁵*], fica bastante complexa porque voce tem que localizar esse ser humano. [*Pra falar não desse corpo, mas dessa pessoa, dessa entidade, desse ser na verdade⁶*]. Então você precisa localizar, precisa dar parâmetros pra falar, pra saber de quem você vai falar, de que ser você vai falar. [*Se falar de corpo, você vai falar pouca coisa, se você for falar de ser, vai falar muita coisa. Prefiro falar como ser⁷*] e aí localizar esse ser, e... acho que [*esse ser vai te dar um parâmetro de como lê-lo, como entendê-lo principalmente⁸*], sabe? Como entendê-lo na situação em que ele vive, em que ele se

relaciona, em que ele trabalha, em que ele come e dorme, sabe? É preciso fazer essa localização pra entendê-lo, entendê-lo nas suas necessidades, na forma como ele se expressa. [*Então se falar do ser é você falar de uma coisa bastante ampla*⁹], se falar de uma história específica quando se pega um sujeito. [*Mas falar da história da humanidade quando você pega pra falar do ser humano*¹⁰], no caso, não, [*que além de tudo é um corpo*¹¹], então a coisa é vasta, é muito grande. A gente vai ver o trabalho com dança agora, vou dar minha aula de dança ou minha aula de capoeira; é, já foi o tempo que eu chegava com uma aula pronta, imutável, "imexível" como falou o Magri ontem, do governo. Mas assim você vê, eu venho agora com uma proposta de trabalho, com algumas idéias a ser desenvolvidas. Claro, eu direciono alguma coisa no trabalho, mas, perto dessa proposta, desse direcionamento que eu dou, eu procuro deixar o espaço para as pessoas poderem expressar de que forma elas estão concebendo a proposta que eu tou passando. Então a gente vai trabalhar os pés hoje, por exemplo, trabalho pé, o equilíbrio, o eixo, então eu dou a referência que a ponta dos pés é equilíbrio, é trabalhar com eixo, é trabalhar com o centro de gravidade, e, dentro disso, deixar as pessoas à vontade pra entrar em contato consigo mesmo e poderem vasculhar esse universo interno de cada um. Então expressar isso, no caso, através do movimento em forma de dança. Nossa! há vários tipos de expressão através do movimento, não interessa se é andando, se é piscando os olhos, se é até dançando. Então é criar um ambiente pra pessoa se expressar, pode ser falando também, mas no caso a gente trabalha movimento, então que ele seja através de um gesto, então é criar esse espaço.

Eu fazendo atividade? Eu como aluno de atividades eminentemente teóricas? Depende muito da situação, eu me interessando bastante, bem ligado, mas eu sou assim meio displicente. Na aula eu viajo muito, eu perco muita coisa, fico fazendo minhas costuras das conversas que vão surgindo, que não tem nada a ver com o momento quando não está interessante. De aulas práticas assim... às vezes eu me sinto tentando pensar também como aluno que eu sou. Às vezes eu me sinto muito constrangido, depende muito do momento que você está pra aceitar determinadas propostas de trabalho, ainda mais se elas vão, se elas passam meio longe do que se pensa. Já em função do que eu faço, acho que isso complica um pouco a situação, você dá aula de um jeito, fazer aula noutro lugar com outro tipo de pessoa, com outro jeito, quer dizer, mexe muito com tuas... com certeza, mexe bastante, não atrapalha você a ponto de não fazer, mas te dá os parâmetros, muitos, pra você conduzir o trabalho a fim de chegar nas pessoas que você tá querendo trabalhar. Que você... é saber que aquela pessoa que tá lá, alí trabalhando contigo, tem mais características parecidas ou diferentes das tuas. Nesse sentido me interessa, tanto me interessa que são características específicas daquela pessoa que você quer saber, até certo ponto não vai saber de tudo porque não domina o universo da pessoa, mas pode se colocar no lugar dela, pra poder entendê-la o mínimo pra se estabelecer o mínimo de relação, pra vocês passarem a interagir e poderem ir além daquilo, mas você conhecer o mínimo que você possa. É que você possa dispor pessoas, dispor ela mesmo consigo.

Na situação em aula? Que algumas aulas acontece quando eu sou aluno, então, tipo assim, eu me sinto deslocado, tento me integrar, mas às vezes fica muito difícil; eu sinto também que isso acontece também na minha aula com pessoas assim, que vem de outras unidades da universidade que não educação física, que normalmente não fizeram algum trabalho corporal. Não tem, digamos, atividade lúdica, vamos dizer assim, fora daqui. Poderia ser, e eu acho evidente, posso colocar, como ir ao cinema, andar, correr, ouvir música. Tem gente que nem isso não faz, trabalha o dia inteiro e realmente o dia inteiro, as 24 horas do dia. Outras pessoas já buscam canais pra se trabalhar esse outro lado, mais, digamos, menos objetivo, será que é isso? Talvez menos direcionado, menos... é racional demais vamos dizer assim, então mexe mais com sua intuição e eu vejo assim, que alguns que vem desse tipo de universo que não mexe muito com seu intuitivo, seu lúdico, tem dificuldades às vezes de entender as propostas de trabalho que eu passo. Muitas vezes eu coloco algumas situações que exige a pessoa voltar a brincar, ser criança, coisa que a gente perde muito fácil, já perdeu muito fácil, há muito tempo. Então fica difícil pra retomar isso, pra ficar a vontade na aula. Por mais que você feche as portas, apague as luzes, bote cortina e feche os olhos, o pessoal ainda assim tem dificuldades, as barreiras internas são muito grandes pra se compreender principalmente; aí é que entra mais as características da gente. As dificuldades pessoais nem sempre são resolvidas assim numa situação, nem sempre, na maioria das vezes, são resolvidas de uma hora para outra, você leva tempo para entrar em contato com aquilo, leva tempo para digerir. Parece uma coisa que fica parada,

que fica estacionada lá dentro de você, em algum canto lá, e num determinado momento de sua vida você resolve que tem que fustar algumas coisas. Até sem querer, você fazendo uma outra coisa, que aparentemente não tem nada a ver com aquilo, você traz aquela situação, aquela emoção, ou seja lá o que for que ficou registrado, e aí aquilo aparece de novo, ou a pessoa bloqueia de novo, ou resolve botar a mão naquilo, e aí, quando resolve botar a mão é outro processo. Não é tão fácil assim, é uma batata quente. Você se entender é muito complicado, assim num determinado sentido, principalmente com coisas muito passadas, com situações que você viveu e até tá tentando entender agora, tá trazendo a tona agora, digamos, num trabalho corporal que veio trazendo a tona. É difícil entender porque, por exemplo, você não consegue fazer um determinado gesto, trabalhar determinada música. É porque teu intuitivo não flui quando pinta determinada situação. Então é uma exigência muito grande, na verdade, que a gente se faz nesse sentido, esse retomar, retomar espontâneo, retomar a brincadeira, aguçar o intuitivo, [equilibrar a razão e emoção, objetividade, subjetividade: isso é corpo, tudo isso é corpo¹²]. [Eu acho tudo isso é mais que corpo, tudo isso é mais que corpo. Acho que quando você fala corpo, eu vejo assim: eu vejo como cadáver, aquilo lá é um corpo, né? Um morto não acontece nada, só que um corpo animado é um ser, né? Então é aí que a coisa caminha¹³].

Acho que a gente tá precisando mudar até o pensamento com relação a esse corpo, a essa terminologia. [Você nunca pensa num corpo vazio, ele tem, ele tá preenchendo uma existência¹⁴], vamos

dizer àssim, interessante ler aquelas coisas ali, [ele tá preenchido, ele é uma existência¹⁵], ele é uma existência, não dá pra... de forma alguma, não dá. _s vezes a gente faz isso assim, volta lá aos resquícios, escreve alguma coisa, põe corpo aqui, né? Então é complicado. Mas as coisas todas estão aí, tudo que acontece, acontece pela gente, tudo. Isso que é bonito! Eu acho interessante demais, você começa entrelaçar umas coisas, assim que a gente vai costurando, jogando com as coisas que eu tou lendo agora e com as coisas que tou fazendo e tou vivendo também. Interessante essa sensação de junção que a gente faz. As coisas que a gente tá vivendo com coisas que você tá fazendo, teja vendo. Você passa... a gente modifica muita ação da gente no meio que a gente tá. _s vezes, uma leitura tipo... ajuda a modificar alguma coisa, alguma música, um gesto, alguma coisa tá sempre te... nem sempre, tem coisas que passam na tua cara e você não vê, né? Mas tem coisa muito bonita que nem eu fui ver aquele filme: Sociedade dos Poetas Mortos. Nossa, eu saí assim, saí comovido, nunca vi! Fazia tempo que eu não via um filme tão bonito. De repente você se identifica com um monte de coisa naquele filme, assim, mas eu já fiz um negócio parecido com isso, e você fica emocionado, porque você vê que é um negócio que vale a pena, sabe? Você lidar com as pessoas, você não é um simplesmente ficar preparando corpo para alguma coisa, como eu já fiz. Já fiz atletismo e me preparava muito pra performance pronta, uma performance que era passar, fazer um bom salto em altura, ou fazer um bom tempo no 400m com barreira, ou no meio fundo. Então teve uma época que eu me violentei muito corporalmente, sabe? Até o momento que eu conheci uma outra coisa e a partir daquilo que eu

conheci, eu comecei me perceber como eu tinha me violentado, me massacrado bastante e, até aquele momento em que botei tudo em questão, eu adorava o que eu fazia, por melhor que não fosse é saltar, correr, sabe? puxar peso. Ainda era uma forma de eu me manifestar gestualmente, que é uma necessidade vital pra todo mundo, mas, a minha forma era aquela, tanto é que eu procurei muitas alternativas de expressão, procurei várias, pratico várias atualmente também, e eu procuro estímulos pra os meus sentidos, vamos dizer assim, justamente me ajudar a ampliar o meu canal de expressão. Mas pode dominar várias: dançar, cantar, desenhar, fazer um filme, fazer música. Há várias formas, até ficando imóvel você tá expressando alguma coisa. Não é uma das melhores expressões, mas é. Dizem que não é satisfatória pra a pessoa que não consegue se mobilizar gestualmente. Não é das melhores coisas, eu diria pela experiência que eu passei, pela minha timidez que até hoje sinto ela muito presente. _s vezes assim, me sinto imobilizado por essa dificuldade de chegar e tocar. É uma coisa horrível. Uma situação assim que te bota em combate interno naquele momento, inicia aquela coisa e não consegue ao mesmo tempo ficar lidando com a mesma, e é por outro caminho, um caminho mais brando e, às vezes eu acabo sendo impulsivo, acabo atropelando, mas é por aí.

Então acho que tem, é... [*é essencialmente ser, ser que é mais que corpo*¹⁶]. [*Ele é e se mostra através do que ele expressa*¹⁷]. É fatal, não tem jeito, acho que quanto mais ele aperfeiçoa essa forma de expressão, mais ele amplia o próprio ser. Ele cria um outro universo, porque ele começa a fustigar uma coisa

aquí com outra ali. Tem gente que faz isso muito bem, junta literatura com música, com teatro, com física, começa a juntar coisas que a gente acha que são as mais inusitadas possíveis, e elas acontecem de formas muito felizes e eu acho isso tudo. A gente, não sei, faz essas coisas, aliás, além dessa necessidade de se expressar, tem essa busca interna que se faz, essa viagem que é um ser existindo. Se você perguntar porque eu comecei a fazer desenho, porque tou fazendo música, a gente às vezes não consegue dominar, mas tem uma necessidade muito profunda de você fazer aquilo que você não sabe o que é. Você quer fazer aquilo, você quer botar alguma coisa pra fora e, às vezes, você tá botando essa coisa pra fora e não sabe realmente o que é ainda, mas tá botando, tá fazendo. A gente acaba promovendo, acho que quanto mais você faz, melhor efeito surte aquilo, mais longe você quer ir, você busca formas e mais formas, quer dizer, vai avaliando de uma forma tal que você acaba caindo numa angústia, na verdade você começa a fustar isso, começa a aumentar tua angústia também, mas é uma coisa que tá sempre te impulsionando a ir mais fundo, em compreender o que tá em volta, o que tá dentro, o que tá fora, o que tá mais perto. _s vezes a gente caminha tanto por um lado assim: entende o macroscópio mas não entende o micro; às vezes, a gente entende o micro e não entende o macro; às vezes, tá no mesmo caminho, quer dizer, é... são dificuldades que a gente enfrenta para entender, compreender que se precisa muita flexibilidade para existir, é isso! Precisa de flexibilidade e isso é difícil. Acho que a gente nunca, não dá pra falar assim, que a gente nunca né? É complexo pelas situações que a gente tá vivendo nesses momentos todos. Você falar que vai atingir o

equilíbrio, tem tanta coisa pedindo o tempo todo, te fazendo desequilibrar. Acho que a gente fica muito endurecido com muitas coisas na vida da gente. Não sei se é equilíbrio, você cicratiza muita coisa pra não abalar a estrutura e aguentar firme. Você cria uma pedra em volta daquilo, é uma pedra que você põe no teu caminho. Pode não estar na frente, pode não estar no meio, mas tá no caminho. Onde você passou ficou uma pedra. _s vezes nasce uma flor, às vezes tem uma pedra, às vezes tem um buraco. Essas coisas vão ficando pelo caminho da gente e acho que nem é pedra, é o que tá embaixo da pedra que fica na verdade. Se mover essa pedra vai retomar, isso às vezes é complicar, às vezes elas vem rolando atrás, a gente vai fugindo delas pega atalho, a gente procura meios de poder tar conseguindo continuar vivendo, existindo e, às vezes, se tem de amortecer algumas paixões, tem que amortecer pra não se desestruturar, vamos dizer assim, pra não parar, pra não sentar na guia e chorar, porque se fizer isso... É, eu acho que é o momento que está exigindo muito da gente, os momentos exigem muito da gente por isso quando eu falei que você precisa, [*quando você falar de corpo, você tem que falar de ser e localizar esse ser num determinado tempo, espaço, momento*¹⁸], com toda sua existência, particular existência, particularíssima. Você vai levantar dados muito diferentes em cada ser que você pegar, cada pessoa que você pegar. As histórias diferem muito, elas podem estar sobre o mesmo modelo, mas ainda cada um é a sua, sabe? Você pode estar em forma de cruzeiro hoje, de pacotão, mas tá todo mundo. Sobre toda essa história tem sub-histórias, que na verdade são as histórias reais. São essas histórias que fazem as grandes histórias, que cada um desse é cada pedacinho disso aqui, que faz esse todo, e

que foge a essas formas e que faz que a gente amorteba as emoções da gente, quer dizer, é uma coisa que a gente dá, é uma troca muito estranha que a gente faz com o meio, sabe? A gente recebe coisas que você, que ninguém sabe se você quer, mas você vai precisar. Aí, depois no caminho que você tá lá, você resolve realmente fustar nisso tudo e criar a angústia que tá nisso tudo, e tentar caminhar mais profundo, mais pra fora, você começa abrir mão: "isso aqui acho que não preciso mais; esse tipo de sentimento não preciso; esse tipo aqui eu quero porque acho que é bom". Você começa a selecionar, mas nem tudo é assim. Tem coisa que você não consegue levar, é como se fosse a sombra da gente, e é pior se você apaga a luz, porque ela fica maior. Se tiver luz ela tá alí, você vê. Se apaga a luz ela fica maior, essa angústia, esse provocar na gente, esse isso que tá sempre cutucando a gente e que faz a gente entrar no que é realmente o existir. Você vai encontrar com coisas boas, coisas ruins, coisas interessantes, coisas desinteressantes, mas acho que pegando tudo isso é aí que a gente tira a média da gente pelo caminho e acho que aí não é o equilíbrio que a gente busca. Não sei falar disso não! Eu nunca cheguei nisso, você passa perto, tem dia que você tá assim nas nuvens, outro dia tá na lona, não sabe, né? Eu sou a pessoa menos indicada pra falar de equilíbrio, porque um dia aqui, amanhã lá em cima, à tarde lá embaixo, então é muita alternância de emoção. Eu fusso muito, até, alias acho que fusso demais. Muitas paixoes, desde coisas até pessoas, sabe? Então é uma coisa que... às vezes eu vasculho demais meu universo, às vezes eu acho que faço isso exageradamente. Isso às vezes me prejudica, porque mexe demais com minha estrutura. É ótimo mexer, porque aí eu vou longe, vou pra fora

e começo a ver todas as coisas mais claramente, tudo em volta, relação aqui e acolá. Mas às vezes puxa muito pro fundo, aí eu começo a deslocar minhas pernas no caminho, caio nos meus buracos, vejo as flores também, mas nessas horas elas não contam muito, porque o que fica na verdade, e o que me pega muito, são os buracos, as pedras, o que tá debaixo. Então olha, [acho que te falar de corpo é muito mecânico. Eu te contei uma história¹⁹] aqui, agora, uma parte de minha vida, tem coisa aí, né? [Não dá pra se falar de corpo, não dá pra se falar senão se identificar corpo com pessoa²⁰], não dá pra se falar isso. [Corpo, qualquer coisa é! Isto aqui é um corpo, tudo aqui é um corpo, tudo aqui é um corpo, sabe? Só que não é de qualquer corpo que a gente tá falando, acho que isso é que destaca, essa é que é a diferença²¹].

Então acho que falar de corpo, desse corpo aqui, esse corpo específico é uma violeta, esse aqui é uma samambaia, esse aqui é um livro, esse aqui sou eu. Esse sou eu aqui, é que faz justamente... [é que dá todo o significado pra essas coisas que estão aqui, pra todos esses corpos que estão aqui²²]. Tudo que está em volta sou eu que tou dando significado. Tou falando... assim de modo geral, um homem em geral dando significado pras coisas, quer dizer, [se existe corpo, se existe forma, se existe história, é porque a gente faz²³]. Então [não dá pra você falar de corpo, deslocalizar dessa forma, ele tem uma identidade²⁴], [ele tem que ter uma história²⁵], [ele tem que ter uma classe social²⁶], [ele tem que ter... ele tem um padrão de vida²⁷], [ele tem uma idade²⁸], [ele tem uma vivência, várias²⁹], né? [Ele tem pai, mãe, tem namorada,

namorado³⁰], [tem história³¹]. [Ser é existência³²], sabe? É ali, [ele faz a história, não tem jeito, não dá pra separar nunca mais essas coisas³³]. Tou aprendendo muito isso agora. É impossível, você pode, acho que a gente tem essas alternâncias de razão, de emoção, de objetivo, de subjetivo. São alternâncias simplesmente, às vezes é o ciclo da gente essa alternância que a gente tem. Não dá pra falar que uma coisa não te domina, tá tudo ali, você privilegia mais uma coisa ou outra. Privilegia mais os olhos que os ouvidos, mais o toque do que o olho, depende do momento. Você poder olhar, tocar... é uma coisa muito bonita, nossa, é uma continuidade de você! Se você vê um lago como esse, porque só olhar? Porque não entrar nele? Nadar ali, pescar ali, entrar em contato de verdade, ouvir a água se mexendo, correndo, os bichos em volta, sentindo o cheiro de um lago como esse, de um mato como esse.... A gente tem que fazer isso, recuperar justamente isso. É... tirar as pedras, né? Não só ver debaixo das pedras, mas dar um pouco mais de brandura pra aquelas coisas ali.

Unidades de Significado
Verbatim do Sujeito

1) É tão interessante, tou sempre fazendo essa pergunta, o que é corpo.

2)...não daria pra se falar do corpo como uma coisa solta assim...

3) O corpo é... não dá pra dizer que é veículo porque ele... porque a gente não está montado nele.

4)...não é como se fossem duas peças que se engrenam e vão caminhando juntas e chega uma hora e elas se separam...

5) Pra se falar de corpo, você tem que falar do ser humano, e falar do ser humano, aí a coisa fica muito complexa.

6)... Pra falar não desse corpo, mas dessa pessoa, dessa entidade, desse ser na verdade...

7) Se falar de corpo, você vai falar pouca coisa, se você for falar de ser, vai falar muita coisa. Prefiro falar como ser.

8)...esse ser vai te dar um parâmetro de como lê-lo, como entendê-lo principalmente...

9) Então se falar do ser é você falar de uma coisa bastante ampla.

Redução Fenomenológica

1. o sujeito sempre se pergunta o que é corpo.

2. não dá pra se falar de corpo como uma coisa solta.

3. não dá pra se falar de corpo como veículo, não estamos nele.

4. não dá pra se falar do corpo como peça de engrenagem.

5. não dá pra se falar de corpo sem se falar do ser humano, que é muito complexo.

6. pra falar não desse corpo, mas dessa pessoa, dessa entidade, desse ser na verdade.

7. o sujeito prefere falar de ser mais do que de corpo.

8. o sujeito acha que o ser é que dá parâmetro pra ler, interpretar e entender o corpo.

9. falar do ser é falar de uma coisa bastante ampla.

10)...Mas falar da história da humanidade quando você pega pra falar do ser humano.

10. falar do ser humano é falar da história da humanidade.

11)...que além de tudo é um corpo.

11. para o sujeito, ser humano é corpo.

12) equilibrar a razão e emoção, objetividade, subjetividade: isso é corpo, tudo isso é corpo.

12. corpo é equilíbrio da razão, da emoção, da subjetividade e da objetividade.

13) Eu acho tudo isso é mais que corpo, tudo isso é mais que corpo. Acho que quando você fala corpo, eu vejo assim: eu vejo como cadáver, aquilo lá é um corpo, né? Um morto não acontece nada, só que um corpo animado é um ser, né? Então é aí que a coisa caminha.

13. corpo é mais que um corpo, que um cadáver, ele tem vida, é animado.

14) Você nunca pensa num corpo vazio, ele tem, ele tá preenchendo uma existência.

14. o corpo não é vazio preenche uma existência.

15) ele tá preenchido, ele é uma existência.

15. corpo é uma existência, ele esta preenchido.

16)...é essencialmente ser, ser que é mais que corpo.

16. corpo é essencialmente ser, ser que é mais que corpo.

17) Ele é e se mostra através do que ele expressa.

17. o corpo se mostra através do que ele expressa.

18) quando você falar de corpo, você tem que falar de ser e localizar esse ser num determinado tempo, espaço, momento.

18. para falar de corpo você tem de falar de ser e localizá-lo num determinado tempo, espaço, momento.

19)...acho que te falar de corpo é muito mecânico. Eu te contei uma história...

19. falar de corpo é muito mecânico, o sujeito contou uma história para falar dele.

20)...Não dá pra se falar de corpo, não dá pra se falar senão se identificar corpo com pessoa.

21) Corpo, qualquer coisa é! Isto aqui é um corpo, tudo aqui é um corpo, tudo aqui é um corpo, sabe? Só que não é de qualquer corpo que a gente tá falando, acho que isso é que destaca, essa é que é a diferença.

22)...é que dá todo o significado pra essas coisas que estão aqui, pra todos esses corpos que estão aqui.

23)...se existe corpo, se existe forma, se existe história, é porque a gente faz...

24) não dá pra você falar de corpo, deslocalizar dessa forma, ele tem uma identidade.

25)...ele tem que ter uma história...

26)...ele tem que ter uma classe social...

27)...ele tem que ter... ele tem um padrão de vida...

28)...ele tem uma idade...

29)...ele tem uma vivência, várias...

20. Não dá pra se falar de corpo, não dá pra se falar senão se identificar corpo com pessoa.

21. o sujeito não está falando de qualquer corpo, essa é a diferença.

22. o sujeito fala que é o que dá significado a essas coisas todas, todos os corpos que estão aqui.

23. se existe corpo, se existe forma, se existe história, é porque a gente faz.

24. o corpo tem identidade.

25. o corpo tem história.

26. o corpo tem uma classe social.

27. o corpo tem um padrão de vida.

28. o corpo tem uma idade.

29. o corpo tem uma vivência, várias.

30)...Ele tem pai, mãe, teve,
tem namorada, namorado...

31)...tem história.

32)...Ser é existência...

33)...ele faz a história, não
tem jeito, não dá pra separar
nunca mais essas coisas...

30. o corpo tem pai, mãe,
namorada, namorado.

31. o corpo tem história.

32. o ser é existencia.

33. o corpo faz a história.

Convergências no discurso

Dificuldades para expressar o que é corpo

1. Não dá pra se falar de corpo como uma coisa solta. (2) Não dá pra se falar de corpo como veículo, não estamos montados nele. (3) Não dá pra se falar do corpo como peça de engrenagem. (4)

Corpo : Ser Humano

2. Não dá pra se falar de corpo sem se falar do ser humano, que é muito complexo. (5) Para falar não desse corpo mas dessa pessoa, dessa entidade, desse ser na verdade. (6) Prefere falar de ser mais do que de corpo. (7) O ser é que dá parâmetro pra ler, interpretar e entender o corpo. (8) Ser humano é corpo. (11) Corpo é essencialmente ser, ser que é mais que corpo. (16) Para falar de corpo você tem de falar de ser e localizá-lo num determinado tempo, espaço, momento. (18) Não dá para se falar de corpo se não se identificar corpo como pessoa. (20)

Corpo como uma coisa ampla

3. Falar do ser é falar de uma coisa bastante ampla. (9) Falar do ser humano é falar da história da humanidade. (10) Corpo é equilíbrio da razão, da emoção, da subjetividade e da objetividade. (12) Corpo é mais que um corpo, que um cadáver, ele tem vida, é animado. (13) Falar de corpo é muito mecânico e aí o sujeito contou uma história. (19)

Unidades de significado interpretadas

Dificuldades para expressar o que é corpo

1. É complicado falar de corpo. Não dá pra se falar dele como uma coisa solta, nem como veículo e nem como peça de engrenagem.

Corpo : Ser Humano

2. Não dá pra se falar do corpo sem se falar do ser humano, que é muito complexo.

Corpo como uma coisa ampla

3. Falar do ser é falar de uma coisa bastante ampla, é falar da história da humanidade.

Particularidades do corpo = Ser Humano

4. O corpo não é vazio preenche uma existência. (14) Corpo é uma existência, ele esta preenchido. (15) O sujeito não ta falando de qualquer corpo, essa é a diferença. (21) O sujeito fala que é o que dá significado a essas coisas todas, todos os corpos que estão aqui. (22) Se existe corpo, se existe forma é porque a gente faz. (23) O corpo tem identidade. (24) O corpo tem história (25, 31) O corpo tem uma classe social. (26) O corpo tem um padrão de vida. (27) O corpo tem uma idade. (28) O corpo tem uma vivência, várias. (29) O corpo tem pai, mãe, namorada, namorado. (30) O ser é existência. (32) O corpo faz a história. (33)

Corpo expressão

5. o corpo se mostra através do que ele expressa. (17)

A interrogação

6. o sujeito sempre se pergunta o que é corpo. (1)

Particularidades do corpo = Ser Humano

4. Não é de qualquer corpo que está a se falar, é de corpo como ser humano, isto é que faz a diferença, pois o mesmo possui inumeras particularidades.

Corpo expressão

5. O corpo se mostra através do que ele expressa.

A interrogação

6. O que é corpo? é uma coisa que sempre o sujeito se pergunta.

ANÁLISE IDEOGRÁFICA

Este discurso fala de um corpo não como uma coisa ou corpo qualquer, mas sim como ser humano, uma entidade animada com atributos. Todas as colocações evidenciam um pensamento onde corpo e ser humano são a mesma coisa, isto é, corpo uma existência particular, equilíbrio de razão, de emoção, de subjetividade e de objetividade. Corpo situado no mundo, relacionando-se com outros seres, sendo história, espaço e tempo. O sujeito faz uma chamada importante no discurso para a necessidade de mudar o pensamento e o modo de se falar sobre o corpo, já que o mesmo não é um corpo qualquer, não é um veículo de transporte, não é igual a outro ser humano. Ainda que esteja sobre o mesmo modelo, não é vazio e nem simples de falar. Pensar e falar deste corpo significa pensar e falar em muitas coisas, revela um universo vasto - corpo sendo existência e corpo preenchendo uma existência, corpo dando significados aos outros corpos, apesar de também ser corpo.

Discurso do Sujeito 3

Bem Sonia, [pra que eu possa dizer pra você o meu entendimento sobre corpo, eu vou ter que passar pra você o meu próprio entendimento sobre homem¹]. [Eu não consigo falar de corpo sem falar do homem. Pra mim corpo e homem se identificam²], [corpo e homem significam a mesma coisa em certos momentos, em certas circunstâncias³]. É sobre isso que eu vou falar pra você. Eu tenho feito ultimamente alguns estudos na busca de uma compreensão que eu chamo de histórico social do significado de consciência corporal. Talvez, se eu falasse de um pouco disso, eu pudesse passar com mais convicção aquilo que pra mim é o próprio corpo.

Então, é dentro desse tempo que eu venho trabalhando com educação física, me relacionando com os profissionais, futuros profissionais da área. Eu venho sentindo uma influência muito grande de um entendimento de consciência corporal que se apoia, que se fundamenta numa dimensão psicológica, mas numa psicologia muito biologizada, por um lado, e muito idealista por outro lado. O que tem feito com que a idéia de consciência corporal, a grosso modo, de forma caricatural, seja entendida como aquilo que, se você quiser buscar essa sua consciência corporal, você tenha que se afastar do outro, se afastar do mundo onde você vive, olhar para dentro de você e tentar localizar, lá no fundo de você, naquilo que você teria de mais subjetivo, a sua identidade, a sua própria consciência corporal ou respostas que pudessem te dizer então da tua consciência corporal. Eu tenho buscado o caminho inverso, por conta de um

referencial de análise que eu utilizo pra que eu possa... eu entendo que pra que eu possa compreender, e dar conta da minha consciência corporal, eu devo me voltar pro mundo, me voltar pro outro, me voltar pra a história, porque é lá na história, no mundo, no outro, que são localizadas as respostas pra pergunta central da minha consciência corporal. Porque? Porque [eu parto do princípio que o corpo reflete a cultura do tempo em que vive⁴], e se o corpo reflete a cultura do tempo em que vive, e essa é uma expressão muito cara a Marcel Mauss, antropólogo francês...[se o corpo então reflete a cultura do tempo em que vive, eu acredito que, pra dar conta da compreensão desse corpo, eu preciso dar conta da cultura que o forma, que o informa, que o alimenta⁵]. [Eu uso a expressão de que o corpo então traz em si marcas ou signos tatuados ao longo dos mais diversos momentos históricos, marcas estas, tatuagens estas, significativas da compreensão que dele tiveram principalmente a classe dirigente da sua relação com o mundo circundante, com o seu estar no mundo⁶]. Eu localizo, por exemplo no brasileiro, vários arquétipos corporais sendo construídos ao longo de toda uma história, da própria história da sociedade brasileira. Então, estudos já feitos, [eu identifico é... o corpo higiênico, o corpo eugênico, o corpo produtivo, o corpo mercadoria, o corpo "mercator", e procuro sempre estabelecer o surgimento desses arquétipos, ou desses signos, ou dessas marcas⁷], buscando estudar os momentos históricos em que eles foram construídos. Busco entender do porque da construção desses arquétipos corporais, do porque então nossos corpos teriam essas tatuagens. [A compreensão desses signos, das razões da sua existência, a compreensão de como a cultura informa,

portanto, o nosso corpo, no meu entender, é condição essencial para que a consciência corporal seja despertada⁸] e, diferentemente da visão anterior, a consciência corporal pra mim não deveria ser ponto de chegada da educação física, como de certa forma se faz presente esse entendimento na área que nós temos: que a educação física teria como objetivo o dar conta, o despertar, o desenvolver a consciência corporal do aluno e morre aí, ponto final. Eu digo não. Pra mim consciência corporal não é ponto de chegada, é ponto de partida pra que, de posse dessa consciência corporal, e uma consciência corporal que tem tudo a ver com estar no mundo, com o conhecer a cultura do seu tempo, de perceber-se no tempo em que vive, de posse dessa compreensão portanto, de posse dessa consciência corporal, aí sim, enquanto ponto de partida, eu vou poder me perceber assumindo uma posição social, que na sociedade que eu estou inserido, e ao perceber essa posição, é ter consciência desse meu papel social, é ter consciência do que eu precisaria para inserir-me numa luta que estaria se dando nessa mesma sociedade, pela sua transformação, pela sua reprodução, e eu me colocaria em campo numa direção ou numa outra direção. A consciência corporal, por si só não é atributo único do estar presente no mundo, voltado, preocupado com transformações, enquanto agente de transformação social. Não existe essa relação direta, mecânica, automática. [A compreensão é condição direta pra que eu me perceba⁹] e, ao me perceber, possa conscientemente determinar um papel pra mim buscar influenciar na luta que se trava na sociedade, essa própria luta, dando a ela, buscando com ela a direção que tem a ver com minha perspectiva de sociedade, de mundo, de homem.

Então, dizendo isso, acho que dá pra entender o que é corpo pra mim. [Corpo é estar no mundo¹⁰]. [Corpo é perceber-se no mundo¹¹]. [Corpo é saber de que forma os signos foram tatuados em seu corpo¹²]. [Porque razões históricas tais marcas foram deixadas, foram construídas em seus corpos¹³]. Pra que, de posse dessa compreensão, eu possa em síntese estabelecer condições pra que eu mesmo defina quais marcas quero que meu corpo traduza, quais marcas quero que meu corpo simbolize, represente, explicita. Isso implica portanto em estar muito consciênte de como se dão as relações sociais num determinado contexto social, numa determinada sociedade, e eu analizo isso na perspectiva da sociedade brasileira. Eu entendo, também nessa direção, de que [aquilo que de mais subjetivo eu tenho e que me faz diferente de você, ou aquilo que você tem de mais subjetivo e que te faz diferente de mim e dos outros, até isso é construído objetivamente, é construção histórica¹⁴]. Eu entendo que o homem é o único animal que não nasce homem, que se faz homem, que se torna homem. E o se fazer homem está diretamente vinculado ao seu estar no mundo em sociedade, ao relacionar-se com outros. Daí porque [não consigo perceber-me, né? se não me perceber com os outros, no outro, na história, no mundo. Então corpo pra mim é isso¹⁵]. Eu tenho tentado desenvolver estudos que busquem trazer para a educação física essa compreensão. Não se trata tão somente de saber a respeito da anatomia do corpo humano. Eu digo tão somente, ou seja, não é que eu negue essa necessidade, mas não podemos ficar nela, nem tão pouco prender-se à sua biomecânica. Eu digo nem tão pouco prender-se, ou seja, não é que eu negue a necessidade de ter

conhecimento de como biomecanicamente o nosso corpo se movimenta, se constrói, mas eu não posso é ficar nessa dimensão de análise, nessa dimensão de compreensão, mas [*E dar conta desses signos é dar conta da história, da sua própria história e história da sociedade onde você vive. Corpo pra mim é isso*¹⁶]. Mais alguma coisa?

Unidades de Significado
Verbatim do Sujeito

1) pra que eu possa dizer pra você o meu entendimento sobre corpo, eu vou ter que passar pra você o meu próprio entendimento sobre homem.

2) Eu não consigo falar de corpo sem falar do homem. Pra mim, corpo e homem se identificam.

3) corpo e homem significam a mesma coisa em certos momentos, em certas circunstâncias.

4) eu parto do princípio que o corpo reflete a cultura do tempo em que vive.

5) se o corpo então reflete a cultura do tempo em que vive, eu acredito que, pra dar conta da compreensão desse corpo, eu preciso dar conta da cultura que o forma, que o informa, que o alimenta.

6) Eu uso a expressão de que o corpo então traz em si marcas ou signos tatuados ao longo dos mais diversos momentos históricos, marcas estas, tatuagens estas, significativas da compreensão que dele tiveram principalmente a classe dirigente da sua relação com o mundo circundante, com o seu estar no mundo.

Redução Fenomenológica

1. para o sujeito falar da compreensão de seu corpo, ele precisa falar da compreensão de homem.

2. para o sujeito, corpo e homem se identificam.

3. corpo e homem se identificam em certos momentos em certas circunstâncias.

4. corpo reflete a cultura do tempo em que vive.

5. para compreender o corpo é preciso compreender a cultura que o forma, que o informa, que o alimenta.

6. o corpo traz as marcas ou signos tatuados, nos diversos momentos históricos, significativos da compreensão que tiveram do corpo as classes dirigentes.

7) eu identifico é... o corpo higiênico, o corpo eugênico, o corpo produtivo, o corpo mercadoria, o corpo "mercator", e procuro sempre estabelecer o surgimento desses arquétipos, ou desses signos, ou dessas marcas.

8) A compreensão desses signos, das razões da sua existência, a compreensão de como a cultura informa, portanto, o nosso corpo, no meu entender, é condição essencial para que a consciência corporal seja despertada.

9) A compreensão é condição direta pra que eu me perceba.

10) Corpo é estar no mundo.

11) Corpo é perceber-se no mundo.

12) Corpo é saber de que forma os signos foram tatuados em seu corpo.

13) Porque razões históricas tais marcas foram deixadas, foram construídas em seus corpos.

14) aquilo que de mais subjetivo eu tenho e que me faz diferente de você, ou aquilo que você tem de mais subjetivo e que te faz diferente de mim e dos outros, até isso é construído objetivamente, é construção histórica.

7. para o sujeito, existe o corpo higiênico, eugênico, produtivo, mercadoria, mercador, construídos em diversos momentos históricos.

8. para o sujeito. a consciência corporal seria despertada pela compreensão da cultura da "sua" existência.

9. compreender é condição para se perceber.

10. corpo é estar no mundo.

11. corpo é perceber-se no mundo.

12. corpo é saber de que forma os signos foram tatuados em seu corpo.

13. é preciso saber porque razões históricas tais marcas foram construídas no seu corpo.

14. aquilo que de mais subjetivo o sujeito tem e que o faz diferente de outra pessoa, ou vice versa, tudo isso é construído objetivamente, é construção histórica.

15) não consigo perceber-me, né? se não me perceber com os outros, no outro, na história, no mundo. Então corpo pra mim é isso.

16) E dar conta desses signos é dar conta da história, da sua própria história e história da sociedade onde você vive. Corpo pra mim é isso.

15. corpo é se perceber com os outros, no outro, na história, no mundo.

16. corpo é dar conta dos signos tatuados, dar conta da história, da sociedade.

Convergências no discurso**Corpo : Ser Humano**

1. Para o sujeito falar da compreensão de seu corpo, ele precisa falar da compreensão de homem. (1) Corpo e homem se identificam. (2)

Contradições na fala do corpo

2. corpo e homem significam a mesma coisa em certos momentos, em certas circunstâncias. (3)

A relação : idéia de corpo - cultura

3. Corpo reflete a cultura do tempo em que vive. (4) Para compreender o corpo é preciso compreender a cultura que o forma, que o informa, que o alimenta. (5) Para o sujeito, a consciência corporal seria despertada pela compreensão da cultura da "sua" existência. (8)

A relação : idéia de corpo - mundo

4. O corpo traz as marcas ou signos tatuados, nos diversos momentos históricos, significativos da compreensão que tiveram do corpo as classes dirigentes. (6) Para o sujeito, corpo é saber de que forma os signos foram tatuados em seu corpo. (12) Para o sujeito, é preciso saber porque razões históricas tais marcas foram construídas em seu corpo. (13) Aquilo que de mais subjetivo eu tenho e que me faz diferente de você, ou aquilo que você tem de mais subjetivo e que te faz diferente de mim e dos outros, até isso é construído objetivamente, é construção histórica. (14) Corpo, para o sujeito,

Unidades de significado interpretadas**Corpo : Ser Humano**

1. Não há como se falar de corpo sem se falar de homem, isto é, corpo = ser humano.

Contradições na fala do corpo

2. Corpo e homem significam a mesma coisa em certos momentos, em certas circunstâncias.

A relação : idéia de corpo - cultura

3. O corpo reflete a cultura do tempo em que vive.

A relação : idéia de corpo - mundo

4. O corpo é estar no mundo, é se perceber no mundo, isto é, se perceber com os outros, no outro, na história. Corpo construção objetiva destas relações sociais.

é dar conta dos signos tatua-
dos, dar conta da história, da
sociedade. (16) O sujeito acha
que compreender é condição para
se perceber. (9) Para o
sujeito, corpo é estar no
mundo. (10) Para o sujeito,
corpo é perceber-se no mundo.
(11) Corpo é se perceber com os
outros, no outro, na história,
no mundo. (15)

Tipos de corpos

5. para o sujeito, existe o
corpo higiênico, eugênico,
produtivo, mercadoria, merca-
dor, construídos em diversos
momentos históricos. (7)

Tipos de corpos

5. Corpo higiênico, corpo
eugênico, corpo produtivo,
corpo mercadoria, corpo
mercator.

ANÁLISE IDEOGRÁFICA

No discurso nº 3, as observações feitas a partir de uma perspectiva histórico-social traduzem uma visão de corpo que vai além das dimensões psicológica, biomecânica e biológica. Corpo é estar no mundo, é se perceber no mundo, com os outros, no outro, na história. Corpo construído objetivamente nas relações socio-culturais de tempo, espaço e história em que vive, as mesmas que "o informam, o alimentam e o formam". O sujeito nos coloca ainda, de forma muito peculiar, o pensamento onde corpo e homem são a mesma coisa em certas circunstâncias e em certos momentos, aspecto que se contradiz e revela o dualismo existente no seu discurso.

Discurso do Sujeito 4

A gente sabe que existem alguns profissionais que se preocupam mais com o instrumento de trabalho propriamente, do que o desenvolvimento desse instrumento. No caso, aqueles profissionais que usam as modalidades desportivas, por exemplo, eles já pegam um corpo já formado e usam esse corpo como instrumento de trabalho, sem se preocupar com a formação. É, no meu caso por exemplo, eu cresci no meio. Meu pai foi professor de educação física, minha mãe também, os dois foram, hoje já aposentados, e você sabe que, na época deles, o conceito de desenvolvimento físico era voltado puramente pra uma atividade desportiva. Não existia aquela educação física preocupada com multidisciplinaridade ou a interdisciplinaridade. Era basicamente esporte. Eu cresci no meio. *[O meu conceito de corpo é basicamente fundamentado no domínio dessas atividades. Então eu tive que aprender a jogar basquete, jogar volei, nadar, sabe? Usar o corpo para fazer um esporte¹]*, quando que hoje você sabe que usar o corpo não é só para isso. Existe uma noção de corporeidade muito mais profunda. A idéia que se tenta passar hoje é muito mais profunda. *[Corpo não é mais só um instrumento do lazer ou do esporte, mas alguma coisa mais profunda que se interrelaciona com os outros domínios que o homem tem que desenvolver²]*. Mas a gente ainda acha, sabe? que os trabalhos que são feitos em educação física hoje nas escolas, ou nos clubes, ou onde se trabalha com o corpo, ainda existe essa separação. Então, essa proposta agora nova de trabalho físico para deficientes vem auxiliar nessa noção de corpo. Pessoas que não tem o corpo são, também podem fazer um trabalho tão bom

quanto aquelas pessoas que tem o corpo são.

Acha que é por aí? Bem, eu sempre fui voltado pro... pra atividade física esportiva, voltado para o esporte [e muitas vezes também você deixa de lado a intenção de pensar uma coisa com relação ao seu corpo de outra forma, você não é induzido a pensar nisso. É agora que a gente começa a pesquisar, começa a ler os filósofos³], os nossos filósofos que convivem com a gente hoje, as pessoas que se preocupam com esse aspecto. Então, agora que a gente começa a saber que existem outras conotações, que no fim lá do tunel vão levar àquele mesmo objetivo: [corpo são, mente sã⁴]. Essa é a preocupação de todo profissional de educação física, queira ou não, de um modo ou de outro, a preocupação dele é essa. Mesmo o trabalho com deficiente tem essa intenção, mesmo que o cara não tenha uma perna. [A pessoa não tem uma perna, mas o resto do corpo tá funcionando bem, ele tem que ter consciência desse bom funcionamento e tirar o máximo de proveito disso, mesmo que seja um deficiente⁵].

Que valeria mais a pena?... Eu trabalho com uma modalidade desportiva, a que eu mais gosto é o tenis, que eu sempre trabalhei, faz tempo já e, infelizmente, o tenis é puramente atividade de corpos perfeitos, né? As habilidades específicas do tenis exigem um certo domínio do homem total, para ele poder executar o jogo, pra ele poder realizar e sentir o prazer do jogo de tenis através de um corpo perfeito, mas até aí a gente tem... Eu soube agora a pouco tempo que existe tenis de campo para deficiente também, paraplégicos também jogam tenis de campo. É uma maneira a mais e um pouco diferente da gente começar a observar também, já que existe um

padrão. Você padroniza aquela atividade feita por dois indivíduos, mas a partir do momento que você toma conhecimento que outras pessoas com menos poder corporal, fora dos padrões, também consegue fazer aquilo, então você começa a pensar que o homem é mais capaz do que a gente imagina que ele seja. Tennis em cadeira de rodas... um tennis de muleta eu acredito seja um pouco mais difícil, mas em cadeira de roda dá pra acertar um pouquinho a variável que é a bola. Consegue dominar, variar ou fazer com que ela fique dentro de seu domínio corporal, desde que as duas pessoas tenham as mesmas limitações.

Por outro aspecto, o corpo, existe uma coisa que a gente aprende a perceber, a gente aprende a sentir, é com relação a sexualidade. Corpo interesse corporal, interesse sexual, interesse físico, puramente físico. É uma realidade que a gente não tem como escapar dela, então a gente tá sempre preocupado em manter essa aparência e passar uma imagem mais próxima ao que nos é bombardeado pela mídia: o que é belo, um corpo belo. Se vende uma imagem sempre através do belo e nunca através de uma coisa mais feia. Então é um preconceito que a gente tem, os adultos passam para as crianças e a gente cresce com isso, e é uma outra coisa que eu acho que o esporte traz também e ajuda a manter essa imagem. Ao meu modo de ver, é sempre mais gostoso se ver uma silhueta bonita fazendo ginástica olímpica, do que você ver um indivíduo numa cadeira de roda tentando jogar tennis, aprendendo jogar tennis, é uma coisa difícil de você... É um choque, choca um pouco, nós ainda não estamos preparados para isso.

Corpo? [*Corpo é alguma coisa que a gente deve, que nos preocupamos sempre em fazer que funcione perfeitamente*⁶]. Então eu tenho uma preocupação, e passo isso pra os meus alunos, com relação ao uso de costumes: o que é bom, o que é ruim, o ar é bom, o ar é ruim, a comida é boa, a comida é ruim, o que você bebe, o que você não bebe, tudo isso são coisas que, de uma maneira ou de outra, interferem na sua corporeidade, você tem consciência. Hoje, por exemplo, eu tou me sentindo mal, porque neste fim de semana prolongado eu tomei muito whiskey, muita cerveja, então ataca o fígado, [*você passa a sentir o seu corpo de maneira diferente. Enquanto ele tá funcionando bem você não dá bola, aí vamos embora. Na hora que ele passa a funcionar mal, você começa a perceber outras coisas*⁷] e você começa a dar mais importância pra o que não tá funcionando bem. Então é sempre bom, às vezes, a gente ter um problema pra lembrar, pra pensar e botar a cabeça no lugar, tanto pras coisas que você ingere como pros movimentos que você faz. Alguns esportes são lesantes também. Existe uma preocupação com relação ao tênis, na unilateralidade do esporte, é um esporte unilateral, então a sensação de corporeidade do tênis é uma coisa séria, não é uma coisa harmoniosa, não é um esporte harmonioso, desenvolve mais um lado do que o outro, então é lesante. Você vê tenistas profissionais com um lado, um braço direito volumoso, um braço esquerdo atrofiado. É um outro aspecto do corpo, que a gente imagina que os esportes, na sua maneira geral, beneficiam, mas existem alguns esportes que são lesantes, não só o tênis, tem outras modalidades que afetam isso, desenvolvem o corpo de maneira

assimétrica.

Pensando em corpo, o que mais Soninha? Você não tem tópicos que forcem assim uma idéia?

Outra coisa que a gente faz muito no ambiente que a gente vive são comparações. A gente vive se comparando com outros corpos, [queira ou não voce é um corpo, não tem como você escapar disso⁸]. Algumas pessoas dizem "não importa o que você é fisicamente, o que importa é o que você pensa, como você age, os benefícios que você faz, as maldades que você faz". Não importa? Importa sim, eu acho que tem uma importância muito grande. O fato por exemplo de você ser baixinho, isso tem importância muito grande na sociedade que a gente vive, queira ou não, os baixinhos ficam lá trás da fila. Ainda existem escolas que trabalham nesse sistema. No exército eu me lembro que eu ficava lá atrás da fila porque eu era baixinho, o importante era o grandão estar lá na frente. A imagem do pelotão numa escola de cadetes do exército, a primeira imagem que se tem é a do indivíduo grandão, é o forte, que o exército retrata uma força, tem que ser forte. E a gente sabe que muitas vezes o forte não é o rápido, o rápido é o menor. É uma preocupação que existe, os dois extremos são ruins, o muito pequeno, o muito grande, devem sofrer muito, ou o muito magro, ou o muito gordo. Eu sei que a gente tem que procurar compensar sempre, e esses conceitos a gente tem que ensinar pras pessoas. Compense através de um outro extremo, se você é muito gordo você vai ter uma compensação por isso, se você é muito magro também, se você é muito alto, se você é muito baixo.

O que mais a gente poderia falar sobre corpo, corporé, corporeidade? Tem tanta coisa que a gente ainda não tem conhecimento, coisas por exemplo: o meu trabalho com educação física. Desde 74, que eu vim trabalhar na educação física puramente tecnicista, sempre foi um trabalho técnico. Quando eu vim para a Unicamp, quando o João me convidou para trabalhar aqui em 84, dez anos depois, é que eu comecei a pensar e comecei a tentar observar outros ramos que a gente poderia trabalhar na educação física. O intuito de se formar uma escola de educação física de um curso novo também suscitou idéias novas. A gente procurou, agora, ler coisas que já vinham sendo escritas há muito tempo e, até então, a gente não era induzido, não era solicitado. Os filósofos da educação física, eu passei a ter conhecimento deles aqui, talvez pela intenção de que a minha vinda pra cá tenha sido uma continuidade tecnicista. Mas a gente tem curiosidade em saber das coisas, o trabalho do João Freire, o trabalho do Medina, eu gosto de ler sobre a idéia que eles tem sobre a educação física nessa questão de corpo. É fácil de entender, ao passo que outros filósofos são mais difíceis de entender. Então você passa a ter outra visão através dessas pessoas que já escreveram alguma coisa, mas é pouco ainda. Eu acho que é pouco.

Será que já esgotou? Acho que não! A gente fica preocupado com as formalidades, bater papo, deixar as idéias fluírem. [*Você tem idéia de seu corpo através de seu corpo*⁹], será que existe? Lógico que existe, [*cada pessoa é uma pessoa, nós somos individualidades distintas*¹⁰], [*então eu sinto o mundo através do meu corpo*¹¹], [*do*

ambiente que eu vivo, a mesa que eu sento, o sapato que eu uso, a raquete que eu jogo tenis. Tudo isso faz parte do meu corpo¹²}, são coisas que você incorpora e você percebe semelhanças, pessoas que usam recursos parecidos com os seus, e uma coisa que você nota, não tem como não notar as igualdades, as diferenças das pessoas, os cheiros das pessoas, os corpos cheiram, tem isso tudo, hábitos... Tudo que você incorpora, você deixa transparecer, tanto o que a gente veste, usa, come, é aquilo que a gente é. Aquilo que a gente deixa transparecer influenciado pelo padrão que a gente foi induzido, pelo ambiente que nos educou, ou que nos criou. Muitas vezes as pessoas querem fugir desses padrões através dessa quebra de uma imagem padrão, o que é uma imagem nova. No momento o que me ocorre é isto, talvez eu tenha dito coisas importantes, ou talvez coisas banais que não tem importância nenhuma.

Unidades de Significado
Verbatim do Sujeito

1) O meu conceito de corpo é basicamente fundamentado no domínio dessas atividades. Então eu tive que aprender a jogar basquete, jogar volei, nadar, sabe? Usar o corpo para fazer um esporte

2)...Corpo não é mais só um instrumento do lazer ou do esporte, mas alguma coisa mais profunda que se interrelaciona com os outros domínios que o homem tem que desenvolver

3)...e muitas vezes também você deixa de lado a intenção de pensar uma coisa com relação ao seu corpo de outra forma, você não é induzido a pensar nisso. É agora que a gente começa a pesquisar, começa a ler os filósofos

4)...corpo são, mente sã

5) A pessoa não tem uma perna, mas o resto do corpo tá funcionando bem, ele tem que ter consciência desse bom funcionamento e tirar o máximo de proveito disso, mesmo que seja um deficiente

6) Corpo é alguma coisa que a gente deve, que nos preocupamos sempre em fazer que funcione perfeitamente

7) você passa a sentir o seu corpo de maneira diferente. Enquanto ele tá funcionando bem você não dá bola, aí vamos

Redução Fenomenológica

1. para o sujeito, o conceito de corpo é fundamentado no domínio das atividades esportivas, que ele teve que aprender a jogar.

2. para o sujeito, corpo é alguma coisa mais profunda que lazer e esporte, que se interrelaciona com os outros domínios do homem.

3. para pensar o corpo de outra forma, é preciso pesquisar, ler os filósofos.

4. corpo são, mente sã.

5. mesmo que a pessoa seja deficiente, ela pode ter consciência do bom funcionamento do corpo.

6. corpo é alguma coisa com que nos preocupamos sempre em fazer com que funcione perfeitamente.

7. o corpo começa a ser percebido quando passa mal.

embora. Na hora que ele passa a funcionar mal, você começa a perceber outras coisas

8) queira ou não voce é um corpo, não tem como você escapar disso

9) Você tem idéia de seu corpo através de seu corpo

10) cada pessoa é uma pessoa, nós somos individualidades distintas

11)...então eu sinto o mundo através do meu corpo

12)...do ambiente que eu vivo, a mesa que eu sento, o sapato que eu uso, a raquete que eu joga tenis, tudo isso faz parte do meu corpo

8. para o sujeito, você é um corpo, e não há como escapar disso.

9. você tem idéia de seu corpo através de seu corpo.

10. cada pessoa é uma pessoa, nós somos individualidades distintas.

11. o sujeito sente o mundo através de seu corpo.

12. fazem parte do corpo sujeito o ambiente que vive, a mesa que ele senta, o sapato que ele usa, a raquete que ele joga tenis.

Convergências no discurso**Corpo funcionamento**

1. Corpo é alguma coisa com que nos preocupamos sempre em fazer com que funcione perfeitamente. (6) Mesmo que a pessoa seja deficiente, ela pode ter consciência do bom funcionamento do corpo. (5) O corpo começa a ser percebido quando passa a funcionar mal. (7)

Corpo como uma coisa ampla

2. para o sujeito, corpo é alguma coisa mais profunda que lazer e esporte, que se interrelaciona com os outros domínios do homem. (2) fazem parte do corpo do sujeito o ambiente em que vive, a mesa que ele senta, o sapato que ele usa, a raquete com que ele joga tennis. (12)

A relação : idéia de corpo - educação física

3. para o sujeito, o conceito de corpo é fundamentado no domínio das atividades esportivas, que ele teve que aprender a jogar. (1)

A relação : idéia de corpo - leituras

4. para pensar o corpo de outra forma, é preciso pesquisar, ler os filósofos. (3)

Dualismo na fala do corpo

5. corpo são, mente sã. (4)

Corpo expressão

6. para o sujeito, você tem idéia de seu corpo através de seu corpo. (9)

Unidades de significado interpretadas**Corpo funcionamento**

1. Corpo é alguma coisa com que nos preocupamos sempre em fazer com que funcione perfeitamente.

Corpo como uma coisa ampla

2. Corpo é alguma coisa mais profunda que lazer e esporte, que se relaciona com os outros domínios do homem.

A relação : idéia de corpo - educação física

3. O conceito de corpo está diretamente ligado nos conhecimentos adquiridos nas atividades esportivas vividas.

A relação : idéia de corpo - leituras

4. para pensar o corpo de outra forma, é preciso pesquisar, ler os filósofos.

Dualismo na fala do corpo

5. corpo são, mente sã.

Corpo expressão

6. Se tem idéia do corpo através do próprio corpo.

Corpo como algo individual

7. cada pessoa é uma pessoa,
nós somos individualidades
distintas. (10)

**Corpo como "meio de" relação
com o mundo e as pessoas**

8. É através do corpo que
sentimos o mundo. (11)

Contradições na fala do corpo

9. Somos um corpo e não há como
escapar disso. (8)

Corpo como algo individual

7. cada pessoa é uma pessoa,
nós somos individualidades
distintas.

**Corpo como "meio de" relação
com o mundo e as pessoas**

8. É através do corpo que
sentimos o mundo.

Contradições na fala do corpo

9. Somos um corpo e não há como
escapar disso.

ANÁLISE IDEOGRÁFICA

O sujeito revela que seu conceito de corpo está relacionado com sua atuação profissional no domínio das atividades desportivas: corpo são, mente sã. A preocupação é a do corpo enquanto organismo, estrutura de funcionamento - é o "fazer funcionar perfeitamente". Reconhece as individualidades e sabe que corpo é muito mais do que lazer e esporte, mas acha que, para pensar o corpo de outra forma, é preciso ler os filósofos. Interessante é que aparecem as idéias de que fazem parte do corpo coisas como o sapato que ele usa, a raquete, etc. e que é através do corpo que sentimos o mundo, que temos idéias dos outros corpos.

Discurso do Sujeito 5

Bem, corpo é tudo. [*Pra mim corpo é tudo, corpo é vida, é ter amor, é estar presente, é estar junto de, movimento, é emoção*¹], [*é a máquina que comanda nosso sistema inteiro*²]. [*Não dá para separar cabeça de corpo, de movimento, de emoção, não consigo*³]. E de repente a gente questiona, né? O meu corpo, eu sei como ele está? Desse corpo todo desestruturado, sei da importância dele e eu não cuido desse corpo.

Mas eu não sei se é corpo enquanto... que [*você quer que eu fale, corpo enquanto professor de educação física, ou o corpo enquanto pessoa? Pra mim existe diferença*⁴]. Se você perceber sobre o ponto de vista profissional, há sim. O professor de educação física vê o corpo... é... diferente, os profissionais de educação física, não é o meu caso, já foi o meu caso, [*eu via o corpo enquanto um trabalho de técnicas esportivas em determinados momentos*⁵]. Eu [*já vi o corpo enquanto força de produção de trabalho*⁶], aí foge um pouco da área profissional de educação física, porque ele vê mais, eu digo ele porque já não é essa a minha visão. Pela experiência que eu tenho no trabalho com professores de educação física, você percebe que ainda o profissional de educação física vê o corpo enquanto movimento mecânico, enquanto movimentos predeterminados, até escolhidos, movimentos produzidos, sequências mesmo pra que produzam um determinado resultado. É difícil ver um professor de educação física que trabalha sempre nas suas aulas com o aluno, sem perceber até que aquele movimento vai interferir na

vida da criança, e ele continua dando aquelas sequências, aqueles movimentos específicos de determinados esportes, ele trabalha em cima de especialidades do desporto, não em cima do corpo da criança, ainda hoje, com toda essa discussão. Dentro até da própria faculdade de educação física você vê isso. Já fui professor do estado que tinha orgulho de ter equipes de alto nível, explorava movimentos tal e tal, e esse próprio orgulho de corpo, né? [*Essa própria falta de conhecimento de corpo que a gente tinha naquele momento. Era talvez por falta de livros mesmo, a gente ler livros, ausência de informação, ausência de leituras até, né? Os próprios livros na época eram bem ligados a área biológica e a área desportiva, isso no Brasil da época*⁷]. Então, de fato, um grande número de professores ainda trabalha nessa perspectiva. [*Agora já viu, o corpo é diferente, o trabalho é mais crítico*⁸]. Quando você começa a entender, você fala tudo é exploração de corpo, no trabalho, como nosso corpo é sacrificado no desporto, na própria condição de vida, você deixa seu corpo de lado pra fazer tudo. Então, de repente, você tá cuidando mais do que você gosta, aquilo que teu próprio corpo é, daquilo que a pessoa vê em cima de teu corpo, daquilo que tua cabeça imagina que seja o corpo ideal, que também não é por aí. Eu acho que não tem que ser aquele corpo bonitinho: 1,70 metros, 60 kilos. Isso tudo são ideologias que nos passam, aí você sacrifica seu próprio corpo pra viver aquela ilusão. Então, a gente tem que cuidar não desse corpo ideal, acho que o [*corpo é o corpo que a gente tem, que a gente sente, que vibra, que mostra mesmo o sentimento, que ele transmite tudo*⁹]. Não adianta estar falando e não sentir prazer dele quando falo. É interessante quando tem que falar do seu corpo, mas

que bom, é bom saber, tocar, sentir, cheirar, que as pessoas peguem, que toquem, e esse corpo acho que deve ser cuidado mais. O cuidado que você deve ter com ele, que você sente, que você precisa dele, não é o cuidado que as pessoas querem que você tenha com ele, e essa é a diferença. Por exemplo, o professor de educação física quer que você cuide pra ter uma aparência. Pra alguns, educação física entre aspas é saúde, não vejo por aí, esporte é saúde, não vejo por aí, um corpo saudável, atlético e tal é bonito. Aí eu vejo um monte explorando o corpo no comércio, a roupa, e não é esse corpo que deve ser procurado. Quando você assiste hoje a novela, a propaganda da Manchete do Pantanal e vê aquele corpo lindíssimo, como é sublime aquele nú dentro do pantanal, é diferente do nú daquele corpo que você assiste no filme pornográfico, no filme de agressão. Você pega televisão e vê que os filmes arrebatam o seu corpo e crianças assistem isso, eles mancham com violências, com sangue, com agressões e em cima de histórias que na verdade não tem nada a ver com seu corpo. Tem interesses, as histórias que envolvem o corpo na verdade por de trás tem interesse. Você vê interesse político, o destaque de um romance policial ou então... é, sempre vem alguma coisa por trás desses filmes. Eles não percebem até a agressão que é feita a própria criança, ao adulto, eu tenho até parado de assistir isso por que me incomoda essas agressões, essas violências, essas manchas, tudo horrível, e bate, e roxo, essas impressões arrebatam com o corpo da gente.

Eu acho que é isso, [pra mim corpo é emoção, é vida. Não dá pra separar dele. É uma máquina que funciona, bonita; mas existe

todo um processo que não é só movimento, é tudo, é cabeça, é corpo, é emoção, é uma conjunção mesmo, uma condução motora, envolve todos os lados¹⁰]. Não sei se é por aí mais acho que é isso.

Eu acho que minha preocupação é levar pro lado da emoção mesmo, de repente quase que eu choro, porque eu sou sentimental e eu não gostaria de entrar assim, também esse teu projeto, né? Em cima de algum autor. Então não podemos pensar numa linha teórica mesmo, a gente tem que dizer o que a gente sente acho, o que eu sinto é isso. Que eu vejo o corpo violentado, principalmente o da mulher, né? Explorado, arrasado, então é isso. Os dois corpos são lindos, o homem, o da mulher, a oportunidade dos dois estar juntos, o trabalho, a emoção, como é importante, né? Essa sensação de sentir e de repente você não percebe mais isso, e quando existe, é uma coisa assim tão absurda, tudo nos leva, tudo nos mostra que através dessa exploração do corpo existem os interesses assim, as questões, né? Eles trabalham às vezes até no momento do ibope, né? Fazem uma cena, às vezes debocha, isso me deixa muito triste, queria que tivessem aqueles filmes antigos, que mostrassem, né? Eu acho tão bonito o pantanal por isso, tá passando uma mensagem mais sadia, que te deixa mais feliz, enquanto que você assiste noutras partes, ou novelas, ou reportagens que agredem o corpo. A religião, como ela tá agredindo também o corpo. Então veja a política, quando se instala a violência, a falta de vontade até de viver, né? De repente você faz tudo e esquece do corpo e sem ele você não sobrevive. Acho que é por aí Sonia.

Unidades de Significado
Verbatim do Sujeito

1) Pra mim corpo é tudo, corpo é vida, é ter amor, é estar presente, é estar junto de, movimento, é emoção.

2) é a máquina que comanda nosso sistema inteiro.

3) Não dá para separar cabeça de corpo, de movimento, de emoção, não consigo.

4) você quer que eu fale, corpo enquanto professor de educação física, ou o corpo enquanto pessoa? Pra mim existe diferença.

5) eu via o corpo enquanto um trabalho de técnicas esportivas em determinados momentos.

6) já vi o corpo enquanto força de produção de trabalho.

7) Essa própria falta de conhecimento de corpo que a gente tinha naquele momento. Era talvez por falta de livros mesmo, a gente ler livros, ausência de informação, ausência de leituras até, né? Os próprios livros na época eram bem ligados a área biológica e a área desportiva, isso no Brasil da época.

8) Agora já viu, o corpo é diferente, o trabalho é mais crítico.

Redução Fenomenológica

1. corpo é tudo: vida, amor, emoção, movimento, presença.

2. máquina que comanda nosso sistema inteiro (2).

3. corpo não está separado de cabeça, de movimento, de emoção.

4. falar de corpo como profissional de educação física é diferente de falar de corpo como pessoa.

5. visão do corpo enquanto trabalho de técnicas esportivas.

6. visão do corpo enquanto força de produção de trabalho.

7. para o sujeito, a falta de conhecimento do corpo está ligada a falta de leituras.

8. para o sujeito, o corpo hoje é diferente, é mais crítico.

9) corpo é o corpo que a gente tem, que a gente sente, que vibra, que mostra mesmo o sentimento, que ele transmite tudo.

10) pra mim corpo é emoção, é vida. Não dá pra separar dele. É uma máquina que funciona, bonita; mas existe todo um processo que não é só movimento, é tudo, é cabeça, é corpo, é emoção, é uma conjunção mesmo, uma condução motora, envolve todos os lados.

9. corpo é o que a gente tem, que sente, que mostra sentimento, que transmite tudo.

10. para o sujeito, corpo é emoção, é vida, é uma máquina que funciona, bonita, é um processo que não só movimento.

Convergências no discurso**Corpo como uma coisa ampla**

1. Corpo é tudo: vida, amor, emoção, movimento, presença. (1) Máquina que comanda nosso sistema inteiro. (2) Corpo não está separado de cabeça, de movimento, de emoção. (3)

Contradições na fala do corpo

2. Falar de corpo como profissional de educação física é diferente de falar de corpo como pessoa. (4)

3. Para o sujeito, corpo é tudo, é vida, é emoção, é cabeça, é corpo, é movimento. É uma máquina que funciona, bonita. É uma condução motora que envolve todos os lados. (10)

A relação : idéia de corpo - leituras

4. A falta de conhecimento do corpo está ligada a falta de leituras. (7)

Corpo como "meio de" relação com o mundo e as pessoas

5. Corpo é o que a gente tem, que sente, que mostra sentimento, que transmite tudo. (9)

A evolução da idéia de corpo

6. O sujeito via o corpo enquanto um trabalho de técnicas esportivas em determinados momentos. (5) O sujeito já viu o corpo enquanto força de produção de trabalho. (6) Para o sujeito, o corpo hoje é diferente, é mais crítico. (8)

Unidades de significado interpretadas**Corpo como uma coisa ampla**

1. Corpo é tudo: vida, amor, emoção, cabeça, movimento, presença. Ele é a máquina que comanda nooso sistema inteiro.

Contradições na fala do corpo

2. Falar de corpo como profissional de educação física é diferente de falar de corpo como pessoa.

3. Corpo é tudo, é vida, é emoção, é cabeça, é corpo, é movimento. É uma máquina que funciona, bonita. É uma condução motora que envolve todos os lados.

A relação : idéia de corpo - leituras

4. A falta de conhecimento do corpo está ligada a falta de leituras.

Corpo como "meio de" relação com o mundo e as pessoas

5. Corpo é o que a gente tem, que sente, que mostra sentimento, que transmite tudo.

A evolução da idéia de corpo

6. Primeiro foi corpo enquanto trabalho de técnicas esportivas. Depois corpo enquanto força de produção de trabalho. Hoje a visão é diferente, é mais crítica.

ANÁLISE IDEOGRÁFICA

No discurso nº 5, temos uma visão dualista, onde corpo é tudo - vida, amor, sentimento, movimento, etc. - e corpo máquina que funciona, que é bonita. Ainda na mesma linguagem, expressa contradição quando diz "falar de corpo como profissional de educação física é diferente de falar de corpo como pessoa". Mais uma vez, nesse discurso também aparece uma relação de dificuldade em responder ou discorrer sobre a interrogação com a falta de leituras.

Discurso do Sujeito 6

[O corpo é basicamente a forma pela qual eu exteriorizo meus músculos, meus nervos, meus...minhas emoções, meu arcabouço esquelético¹]....e [é a forma pela qual me relaciono com o mundo e com as pessoas²]. É o corpo físico, né? Eu tou imaginando que você tá perguntando sobre o corpo da pessoa?

É, quer dizer, isso é o que no relance eu me lembro disso. Agora falando eu tou pensando que [eu poderia pensar no corpo como algo que não fosse referente ao corpo de um ser vivo, quer dizer, um corpo, mas eu imagino que isso não é universo que interessa pra você, por exemplo: essa mesa é um corpo³]. Eu acho que não é por aí a questão. Então nesse sentido [eu acho que corpo é a forma, é o que existe de mais individualizado e de mais socilizado⁴], quer dizer, o corpo é uma tensão entre seu ser individual e seu ser social, porque ele tem pedaços dele que são só seus, pedaços dele, pensamentos dele, ele tem uma vida dele que só você curte, ou tem a dor e a delícia de ser o que é. Agora [tem outro pedaço de seu corpo que ele só vive no contato com as outras pessoas⁵], num nível de socialização maior ou menor. É...evidentemente você tem, [corpo tem que exteriorizar algumas coisas⁶], ninguém pode viver, por exemplo, uma paixão se não exteriorizar, né? Por outro lado, você pode viver experiências profundas consigo mesmo, com seu corpo, sem exteriorizar. Esse é um mundo fantástico também, é um mundo só teu. Eu acho [corpo é a coisa mais fantástica nesse aspecto, ele tem o micro mundo e o macro mundo é ... na mesma ...no mesmo lugar⁷]. Acho

que é isso.

Deixa ver se sai, quer dizer, também acho uma outra coisa, [o corpo ele tem tempo⁸], né? Cada tempo ele é uma coisa e você pode intervir no corpo. Você pode intervir. Você pode ...vamos jogar no limite, o sujeito pode optar por viver com drogas, está intervindo no corpo, ou pode optar de repente por fazer regime, ele está intervindo, ou pode optar por beber cerveja o dia inteiro, quer dizer, [é um universo de intervenção teu também⁹]. E no tempo você tem que lidar. Acho que a forma como você intervem no corpo muda com o tempo. Na juventude você intervem no corpo de uma certa maneira, quando adulto você intervem de outra, quando você é criança você intervem, quer dizer, acho que essa relação de intervenção é tua, é a síntese do interior, é a síntese do teu mundo mais íntimo com as formas de socialização de teu corpo.

Eu sei lá, [acho que eu normalmente não sou muito preocupado com pensar o corpo, não, eu não tenho muita preocupação não¹⁰]. E também já percebi, esses dias eu fui no médico, uma experiência, eu tenho o risco de ficar com a perna dura por causa de um problema de artro...esqueci o nome, no joelho e tal, e você sabe que não me abalou em nada, quer dizer, eu já pensei até em comprar uma bengala ajeitada, e pensei que até existiria um certo charme. Mas... assim, sabe que eu não fico grilado de ficar careca, quer dizer, não é esse o caso. Mas eu vejo pessoas gordas e tal, gordo me incomoda, não pelo fato de ser gordo, me incomoda porque limita muito minha mobilidade, minha vitalidade, limita minha... não sei, quando eu sento fico mal acomodado. [Tou falando coisas soltas pra

você juntar, porque eu nunca parei, os discursos, aliás, eu leio muito pouco sobre o corpo¹¹], sabe? É, eu não sei de onde vem isso, mas [é algo que eu nunca, nunca me... nunca pensei muito nisso¹²].

[Corpo é uma coisa só¹³]. Acho que o profissional de educação física trabalha com uma das dimensões do corpo. Acho que é uma intervenção mais técnica, mais pedagógica e acho que você tem que separar isso na tua... separar que eu digo até onde eu consigo: não transformar isso numa religião da tua vida, porque a vida é mais ampla do que isso. Que mais? É só o corpo hoje?

[Eu acho o corpo uma coisa bonita e coisa feia também¹⁴]. Você ver um corpo bonito é um negócio, e eu tava pensando nesses dias no que é bonito num corpo, e como a idade muda a visualização da beleza do corpo. Eu tava me lembrando que quando eu era adolescente, eu achava corpo bonito muito mais em função de perna, depois que eu me tornei mais adulto, eu achava corpo bonito muito mais em função dos olhos, de olhar. É... assim vai, cada época na vida você acha o corpo bonito em função de alguma coisa. E corpo feio? Eu... você sabe que eu não sei bem o que é corpo feio. É... por exemplo: normalmente se tem o gordo como um corpo feio, mas eu acho gordos e gordas bonitos. Pode parecer, quer dizer, banha solta eu acho muito feio, mas assim gordo cheinho, cheio, né? eu acho até muito interessante. *[Acho que o corpo traz assim algumas imagens¹⁵].* É, por exemplo, sempre que eu... conversando agora... é interessante que eu não tou, não preparei nada... *[eu, quando penso corpo, penso sempre... me parece uma imagem estética de um movimento de dança, de*

esporte, você pensa o corpo se deslocando no ar, realizando algumas coisas¹⁶], [você pensa o corpo do ponto de vista da sensualidade que ele tem¹⁷], quer dizer, da... de determinados movimentos, de determinados quadros, ou quadros de figuras, quadros de cinema, de televisão, onde o corpo, onde se explora muito esse lado de sensualidade do corpo. E o corpo, o corpo, a forma como as pessoas andam, né? entram, abrem a porta, e entram por exemplo. Isso é um negócio fantástico, você fica aqui, o sujeito põe a cara ali e depois põe o corpo. Um põe o pé primeiro e depois o corpo segue, o outro entra de frente, um de lado, quer dizer, assim não deve ter muita... mas é a forma como visualiza o corpo da pessoa, dos outros. [Eu acho mais difícil visualizar o corpo dos outros do que o meu próprio¹⁸]. Com o meu estou acostumado de alguma maneira, agora com os outros é complicado porque o corpo dos outros é muito mais escondido que o meu para mim, percebe? Como é que... porque... quer dizer, é que implica não só na dimensão estética, na dimensão da sensualidade, mais na dimensão de emoções. Isso para mim é um mundo que não tem, quer dizer, em alguns eu consigo penetrar, em outros nunca. Isto é interessante também, quer dizer, [acho que o mundo tem uma quantidade de corpos infinitos¹⁹]. [Corpo é infinito²⁰], isso aí! [E você, na verdade, penetra em muito poucos, e por esses poucos você sintetiza todos os corpos do mundo²¹]. Engraçado isso, quando você vê todos os seres humanos na dimensão de... bem, vamos imaginar que na minha existência eu pude conhecer bem vinte, trinta corpos, corpo no sentido de emoção, de tudo o que o corpo tem, e eu imagino que eu conheço todos os chineses do mundo. Isso quer dizer, você pensa que é assim. Lógico que na hora que você racionaliza, aí

eu atribuí a diferença do chinês para nós, como sendo uma diferença cultural, mas realmente [a relação do corpo com a cultura é muito íntima²²]. Porque o meu corpo é como é, porque eu tenho uma cultura cabocla, eu sou interiorano, eu sou um sujeito que vive o corpo como um interiorano, até hoje eu me movimento muito, é na minha cultura interiorana, ter um corpo saudável, forte é importante. Você não ligar muito, entre aspas, não ligar muito para o corpo... eu racionalizo isso. Mas é muito comum, quer dizer, a gente vai, sai para fazer pescarias, essas coisas, eu vejo que o pessoal meu, lá da minha terra, que a gente pesca junto até hoje, todo mundo faz questão de fazer força, de estar bem, né? de beber muita cerveja. Quer dizer, isto é uma relação que não é bem a relação urbana da grande cidade e eu preservo muito isso, porque aquele meu mundo cultural é preservado. Eu tenho amigos, que a gente se reúne quase mensalmente, de infância, de um grupo grande que nenhum deles trabalha comigo e a gente... e é interessante essa forma de ver, de perceber a relação cultural. Eu noto até que nessas reuniões o meu jeito de falar muda, os pós-retroflexos que ainda tenho da roça e tal, ficam muito mais acentuados porque minha região é muito assim, e a maneira de meu corpo ser muda um pouco, evidentemente, na universidade meu corpo fica um pouco mais disciplinado, porque eu tenho que conversar com pessoas que eu não conheço. Não fica bem eu botar o pé em cima da mesa, mas isso ...O que mais eu posso... [acho que certamente as experiências mais importantes da minha vida são todas elas experiências que eu vivi com o meu corpo, isso não tem dúvida, e não há experiência que eu tenha participado que o meu corpo não tenha participado, isso é

óbvio também²³]. [Agora eu não creio que o corpo exista só enquanto mobilidade sabe? porque há pessoas que não tem mobilidade e tem uma experiência de vida com o corpo, certamente diferente da minha²⁴]; mas não me apavora absolutamente, ficar imobilizado. Eu acho que... talvez você possa pensar, porque você não tem esse risco, de qualquer maneira eu não creio que isso corte a minha vida. Agora não lembro mais nada para falar.

Unidades de Significado
Verbatim do Sujeito

1) O corpo é basicamente a forma pela qual eu exteriorizo meus músculos, meus nervos, meus... minhas emoções, meu arcabouço esquelético.

2) é a forma pela qual me relaciono com o mundo e com as pessoas.

3) eu poderia pensar no corpo como algo que não fosse referente ao corpo de um ser vivo, quer dizer, um corpo, mas eu imagino que isso não é universo que interessa pra você, por exemplo: essa mesa é um corpo.

4) eu acho que corpo é a forma, é o que existe de mais individualizado e de mais socializado.

5) tem outro pedaço de seu corpo que ele só vive no contato com as outras pessoas.

6) corpo tem que exteriorizar algumas coisas.

7) corpo é a coisa mais fantástica nesse aspecto, ele tem o micro mundo e o macro mundo, é... na mesma... no mesmo lugar.

8) o corpo, ele tem tempo.

9) é um universo de intervenção teu também.

Redução Fenomenológica

1. para o sujeito, o corpo é a forma pela qual exterioriza tudo: músculos, nervos, emoções, esqueleto.

2. corpo é a forma pela qual o sujeito se relaciona com o mundo e as pessoas.

3. o corpo de um ser vivo é diferente de outros corpos.

4. o corpo é forma: individualizada e socializada.

5. tem uma parte do corpo que vive em contato com as pessoas.

6. o corpo tem que exteriorizar.

7. no corpo está o micro e o macro mundo.

8. corpo temporal.

9. corpo como forma de intervenção.

- 10) acho que eu normalmente não sou muito preocupado com pensar o corpo, não, eu não tenho muita preocupação não.
- 11) Tou falando coisas soltas pra você juntar, porque eu nunca parei, os discursos, aliás, eu leio muito pouco sobre o corpo.
- 12) é algo que eu nunca, nunca me... nunca pensei muito nisso.
- 13) Corpo é uma coisa só.
- 14) Eu acho o corpo uma coisa bonita e coisa feia também.
- 15) Acho que o corpo traz assim algumas imagens.
- 16) eu, quando penso corpo, penso sempre... me parece uma imagem estética de um movimento de dança, de esporte, você pensa o corpo se deslocando no ar, realizando algumas coisas.
- 17) você pensa o corpo do ponto de vista da sensualidade que ele tem.
- 18) Eu acho mais difícil visualizar o corpo dos outros do que o meu próprio.
- 19) acho que o mundo tem uma quantidade de corpos infinitos.
- 20) Corpo é infinito.
10. o sujeito não é muito preocupado em pensar o corpo.
11. eu leio muito pouco sobre o corpo.
12. nunca pensou muito nisso.
13. corpo é uma coisa só.
14. corpo é algo bonito e feio também.
15. o corpo traz imagens.
16. penso o corpo como uma imagem estética em movimento, realizando coisas.
17. penso também o corpo do ponto de vista da sensualidade que ele tem.
18. o sujeito visualiza o seu corpo melhor que os dos outros.
19. o mundo tem uma quantidade de corpos infinitos.
20. o corpo é infinito.

21) E você, na verdade, penetra em muito poucos, e por esses poucos você sintetiza todos os corpos do mundo.

21. por um corpo a gente sintetiza todos os corpos do mundo.

22) a relação do corpo com a cultura é muito íntima.

22. a relação do corpo com a cultura é muito íntima.

23) acho que certamente as experiências mais importantes da minha vida são todas elas experiências que eu vivi com o meu corpo, isso não tem dúvida, e não há experiência que eu tenha participado que o meu corpo não tenha participado, isso é óbvio também.

23. todas as experiências importantes vividas, são vividas com o corpo.

24) Agora eu não creio que o corpo exista só enquanto mobilidade, sabe? porque há pessoas que não tem mobilidade e tem uma experiência de vida com o corpo, certamente diferente da minha.

24. corpo não existe só enquanto mobilidade.

Convergências no discurso**Corpo como uma coisa ampla**

1. No corpo está o micro e o macro mundo. (7) O corpo é infinito. (20)

A relação : idéia de corpo - leituras

2. O sujeito lê muito pouco sobre o corpo. (11)

Preocupações

3. O sujeito não é muito preocupado em pensar o corpo. (10) O sujeito nunca pensou muito nisso. (12)

Corpo como coisa individualizada e socializada

4. O corpo é forma, individualizada e socializada. (4)

Contradições na fala do corpo

5. Tem um pedaço do corpo que vive em contato com pessoas. (5)

Aspectos do corpo

6. A estética - Corpo é algo bonito e feio também. (14)

Corpo como uma imagem estética em movimento, realizando coisas. (16)

7. A sensualidade - Há também o corpo do ponto de vista da sensualidade que ele tem. (17)

8. O tempo - Corpo temporal. (8)

9. Movimento - Corpo não existe só enquanto mobilidade. (24)

Unidades de significado interpretadas**Corpo como uma coisa ampla**

1. O corpo é infinito, nele está o micro e macro mundo.

A relação : idéia de corpo - leituras

2. Lê muito pouco sobre corpo.

Preocupações

3. Não se preocupa em pensar o corpo.

Corpo como coisa individualizada e socializada

4. Corpo é forma individualizada e socializada.

Contradições na fala do corpo

5. Uma parte do corpo está em contato com outras pessoas.

Aspectos do corpo

6. Estética.

7. Sensualidade.

8. Tempo.

9. Movimento.

Corpo como "meio de" relação com o mundo e as pessoas

10. Corpo é a forma pela qual o sujeito se relaciona com o mundo e as pessoas. (2)

11. Para o sujeito, o corpo é a forma pela qual exterioriza tudo: músculos, nervos, emoções, esqueleto. (1)

A relação : idéia de corpo - cultura

12. A relação do corpo com a cultura é muito íntima. (22)

A diferença entre outros corpos

13. O corpo de um ser vivo é diferente de outros corpos. (3)

A relação : idéia de corpo - mundo

14. Corpo como forma de intervenção. (9)

Visão integrada

15. Corpo é uma coisa só. (13)

Visualização do corpo

16. O corpo traz imagens. (15)
O sujeito visualiza o seu corpo melhor que os dos outros. (18)
Por um corpo a gente sintetiza todos os corpos do mundo. (21)

Corpo expressão

17. O corpo tem que exteriorizar. (6)

Corpos no mundo

18. O mundo tem uma quantidade de corpos infinitos. (19)

Corpo experiência de vida

19. Todas as experiências importantes vividas, são vividas com o corpo. (23)

Corpo como "meio de" relação com o mundo e as pessoas

10. Corpo é a forma pela qual o sujeito se relaciona com o mundo e as pessoas.

11. Para o sujeito, o corpo é a forma pela qual exterioriza tudo: músculos, nervos, emoções, esqueleto.

A relação : idéia de corpo - cultura

12. A relação do corpo com a cultura é muito íntima.

A diferença entre outros corpos

13. O corpo de um ser vivo é diferente de outros corpos.

A relação : idéia de corpo - mundo

14. Corpo como forma de intervenção.

Visão integrada

15. Corpo é uma coisa só.

Visualização do corpo

16. Corpo é algo que nos traz imagens. Visualizamos melhor o nosso corpo do que os dos outros. Por um corpo a gente pode ter idéia de outros corpos.

Corpo expressão

17. Corpo é algo que exterioriza.

Corpos no mundo

18. O mundo tem uma quantidade de corpos infinitos.

Corpo experiência de vida

19. Todas as experiências importantes vividas, são vividas com o corpo.

ANÁLISE IDEOGRÁFICA

O discurso aponta que falar sobre o corpo de um ser vivo é diferente de falar de outros corpos. Corpo onde está o micro e o macro mundo, forma pela qual o sujeito se relaciona com o mundo e também exterioriza tudo, onde está o individual e o social. Corpo que tem relação muito íntima com a cultura. Que tem sensibilidade, movimento, que traz imagens... que é infinito.

Discurso do Sujeito 7

[É difícil num espaço curto expressar tudo aquilo que eu penso sobre o corpo ou em relação corpo na educação física¹], né? Historicamente o culto ao corpo se desenvolveu de uma forma passando por várias fases, da própria formação do ser humano. Eu entendo na modalidade que eu trabalho, nos quais um dos fundamentos dessa modalidade é o controle do corpo e eu acho que dentro da educação física nos diferentes objetos de estudos da educação física o corpo está sempre presente tem uma importância fundamental na relação educação física, corpo, meio ambiente, objeto de estudo. E ele está presente em todos os setores, todas as áreas da educação física. Eu entendo que o estudo do corpo inclusive necessita de um aprofundamento, um estudo maior na área, eu acho que existe uma carência de estudo no que diz respeito a parte científica da importância do corpo na educação física.

[Corpo? é difícil expressar o que é corpo²], [corpo é tudo, não tem como sair fora deste pensamento³]. [Acho que corpo está presente em todos os setores⁴]. Eu entendo corpo, como é difícil isolar informações sobre o corpo, existem uma série de coisas, de aspectos envolvidos no corpo, sobre tudo o que se pensa sobre o corpo.

O que eu entendo dentro da educação física é que ele é o principal objeto de estudo, existem algumas definições, algumas sobre a educação física, estudos do homem, estudo do movimento,

várias linhas da educação física mas na verdade [não existe educação física sem o corpo⁵]. Que mais?

Nos aspectos... eu acho fundamental essa associação, [não há hipótese de isolar o corpo, o ser⁶]. Agora [o ser ele compreende afetividade, compreende ambiente, uma série de fatores, que são estes fatores que unem tudo⁷], ao meu ver [não existe possibilidade de isolamento do corpo com outros aspectos, sobre tudo o aspecto afetivo⁸]. Do meu lado por exemplo [a importância de uma análise também do corpo como um todo nas diferentes modalidades desportivas, eu acho que é fundamental⁹], porque [é através dele que você consegue a prática das modalidades, que você consegue controlar o seu corpo, saber as possibilidades do seu corpo com o outro, com o material, com a água, com a pista, com a bola, você ampliar essas possibilidades de relação¹⁰], que é a prática do esporte, do esporte enquanto conteúdo da educação física e não um esporte enquanto uma prática, mas sim um esporte enquanto conteúdo. Eu não sei, acho que é só por enquanto.

Unidades de Significado
Verbatim do Sujeito

1) É difícil num espaço curto, expressar tudo aquilo que eu penso sobre o corpo ou em relação corpo na educação física.

2) Corpo? é difícil expressar o que é corpo.

3) corpo é tudo, não tem como sair fora deste pensamento.

4) Acho que corpo está presente em todos os setores.

5) não existe educação física sem o corpo.

6) não há hipótese de isolar o corpo, o ser.

7) o ser ele compreende afetividade, compreende ambiente, uma série de fatores, que são estes fatores que unem tudo.

8) não existe possibilidade de isolamento do corpo com outros aspectos, sobre tudo o aspecto afetivo.

9) a importância de uma análise também do corpo como um todo nas diferentes modalidades desportivas, eu acho que é fundamental.

Redução fenomenológica

1. expressar tudo o que se pensa sobre o corpo num espaço curto é difícil.

2. corpo? é difícil falar.

3. corpo é tudo.

4. corpo está presente em todos os setores.

5. não existe educação física sem corpo.

6. não há hipótese de como isolar o corpo, o ser.

7. ele compreende afetividade, ambiente.

8. não existe possibilidade de isolar o corpo de outros aspectos.

9. é importante a análise do corpo como um todo na prática das modalidades desportivas.

10) é através dele que você consegue a prática das modalidades, que você consegue controlar o seu corpo, saber as possibilidades do seu corpo com o outro, com o material, com a água, com a pista, com a bola, você ampliar essas possibilidades de relação.

10. é através do corpo que você consegue a prática de modalidades desportivas, se relacionar e ampliar essas possibilidades.

Convergências no discurso**Dificuldades para expressar o que é corpo**

1. Expressar tudo o que se pensa sobre o corpo num espaço curto é difícil. (1,2)

Corpo como uma coisa ampla

2. Corpo é tudo. (3) Corpo está presente em todos os setores. (4)

A relação : corpo - educação física

3. Não existe educação física sem corpo. (5) É importante a análise do corpo como um todo na prática das modalidades desportivas. (9) É através do corpo que você consegue a prática de modalidades desportivas, se relacionar e ampliar essas possibilidades (10)

Corpo : Ser Humano

4. Não há hipótese de como isolar o corpo, o ser. (6)

Particularidades do corpo = Ser Humano

5. O corpo, o ser, compreende afetividade, ambiente. (7) Não existe possibilidade de isolar o corpo de outros aspectos. (8)

Unidades de significado interpretadas**Dificuldades para expressar o que é corpo**

1. É difícil expressar tudo o que se pensa sobre o corpo.

Corpo como uma coisa ampla

2. Corpo é tudo. Está presente em todos os setores.

A relação : corpo - educação física

3. Não existe educação física sem corpo. É importante sua análise como um todo, para ampliar suas possibilidades em relação à prática das modalidades desportivas.

Corpo : Ser Humano

4. Não há como isolar o corpo, o ser.

Particularidades do corpo = Ser Humano

5. O corpo, o ser, compreende afetividade, ambiente.

ANÁLISE IDEOGRÁFICA

É patenteada a proposição de que o corpo é o ser, não existindo a possibilidade de se isolar um do outro. Declara a importância da análise do corpo como um todo na prática das modalidades desportivas, mesmo porque não existe educação física sem corpo, e as possibilidades de relação se dão através dele.

Discurso do Sujeito 8

Corpo? para uma pergunta é bem interessante, mas assim respondendo-te da forma mais espontânea possível [*o corpo para mim é um mero instrumento de ter minhas motivações internas. O instrumento que eu utilizo justamente para comunicar-me¹*], [*mas existe toda uma integração, a partir daí minha mente vai funcionar através de meu corpo, mas a presença é também, é em parte afetiva²*]. [*Mas para mim corpo seria praticamente o instrumento de meus sentimentos, de minhas internalizações³*].

Justamente [*a idéia de uma apresentação meia dualista sobre tudo a visão que você tem de seu próprio corpo⁴*]. Alguma análise da psicologia propriamente dita, po exemplo a imagem que você tem de seu corpo, ou da sua personalidade, a imagem que você acredita que as demais pessoas tem e a imagem que você acredita que as outras pessoas tem de você, são tres níveis. Penso que muitas pessoas por exemplo são descontentes com seu corpo, gostariam de ser de outra forma, justamente por isso que para mim [*corpo é a parte externa de meus sentimentos, capacidade de expressão⁵*].

Sabe? estou te dizendo o que me vem na cabeça espontâneamente. Mas por exemplo, meu corpo, com meu corpo tres meses atrás... não estava bem com meu corpo, estava muito pesado e agora com um afastamento afetivo de minha namorada que foi embora, apesar de afetivamente estar me sentindo, já estou superando, estou me sentindo melhor com meu corpo, estou mais magro.

[É um instrumento em si, um instrumento de todos os meus processamentos internos, de como são e se dão internamente. O corpo é isso⁶]. [Eu vejo corpo como um instrumento de comunicação que te permite saber, perceber o que ele sente: mágoa, raiva, que tem saudade, as vezes inconscientemente⁷]. [Há muitas coisas a falar de corpo⁸] [mas para mim basicamente corpo é a casca, a parte externa⁹].

Unidades de Significado
Verbatim do Sujeito

1) o corpo para mim é um mero instrumento de ter minhas motivações internas. O instrumento que eu utilizo justamente para comunicar-me.

2) mas existe toda uma integração, a partir daí minha mente vai funcionar através de meu corpo, mas a presença é também, é em parte afetiva.

3) Mas para mim corpo seria praticamente o instrumento de meus sentimentos, de minhas internalizações.

4) a idéia de uma apresentação meia dualista sobre tudo a visão que você tem de seu próprio corpo.

5) corpo é a parte externa de meus sentimentos, capacidade de expressão.

6) É um instrumento em si, um instrumento de todos os meus processamentos internos, de como são e se dão internamente. O corpo é isso.

7) Eu vejo corpo como um instrumento de comunicação que te permite saber, perceber o que ele sente: mágoa, raiva, que tem saudade, as vezes inconscientemente.

8) Há muitas coisas a falar de corpo.

Redução fenomenológica

1. corpo é mero instrumento de comunicação das motivações internas do sujeito.

2. a mente funciona através do corpo.

3. instrumento de sentimentos, de internalizações.

4. a visão que temos sobre corpo é meio dualista.

5. corpo é a parte externa dos sentimentos.

6. instrumento de todos os processamentos internos.

7. instrumento de comunicação que permite perceber sentimentos.

8. há muitas coisas a falar do corpo.

9) mas para mim basicamente
corpo é a casca, a parte
externa.

9. basicamente corpo é a casca,
é a parte externa.

Convergências no discurso**Dualismo na fala do corpo**

1. A visão sobre corpo é meio dualista. (4) Corpo é mero instrumento de comunicação das motivações internas do sujeito.

(1) Instrumento de sentimentos, de internalizações. (3) Corpo é a parte externa dos sentimentos. (5) Instrumento de todos os processamentos internos. (6) Instrumento de comunicação que permite perceber sentimentos. (7)

2. A mente funciona através do corpo. (2)

3. Basicamente corpo é a casca, é a parte externa. (9)

Corpo como uma coisa ampla

4. Há muitas coisas a falar do corpo. (8)

Unidades de significado interpretadas**Dualismo na fala do corpo**

1. Corpo é instrumento de comunicação das motivações, dos sentimentos.

2. A mente funciona através do corpo.

3. Corpo é a casca, é a parte externa.

Corpo como uma coisa ampla

4. Há muitas coisas a falar do corpo.

ANÁLISE IDEOGRÁFICA

O sujeito não só reconhece a visão dualista sobre o corpo, como condiciona sua forma de pensar o corpo a um mero "instrumento de" qualquer que seja a função: comunicar, usar, etc. Aponta para o muito que há para se falar do corpo, mas ao mesmo tempo o reduz basicamente à "casca" - à parte externa.

CAPÍTULO IV

CONSTRUÇÃO DOS RESULTADOS

A partir dos momentos de análise rigorosos já realizados, passo agora a construir mais um - o jogo da reflexão e interpretação do fenômeno que se revelou.

Quando, no quadro de análise nomotética, aparece a categoria **corpo como uma coisa ampla**, a mesma expressa o quanto é difícil falar do corpo. Pensar e falar deste corpo significa falar em muitas coisas, revelar um universo vasto:

"Mas falar da história da humanidade quando você pega para falar do ser humano". (S₂.10)

"Corpo é a coisa mais fantástica neste aspecto, ele tem o micro mundo e o macro mundo, é...na mesma ...no mesmo lugar". (S₆.7)

"Corpo é tudo, não tem como sair fora deste pensamento". (S.7.3)

É a limitação da linguagem frente ao discurso do corpo. Não como uma limitação semântica do sujeito, mas sim uma restrição da própria linguagem humana. Não cabe aqui uma discussão sobre a linguagem, porém gostaria de lembrar e ressaltar alguns pontos que se fazem necessários no contexto deste trabalho.

Os gregos chamavam a relação da comunicação humana de *lekton*. Isto significa dizer que esta relação gera um mundo vida, um conjunto de possibilidades e significados - **discurso**. A perspectiva é outra: existe um ser humano no mundo e não só apenas um organismo e um ambiente.

Partindo deste ponto, todo discurso envolve um "*logos*", que significa tornar manifesto o que se está pensando, falando. É uma "forma de dizer sobre" - desvelar. Houve, no que me parece, no decorrer dos tempos uma passagem do termo discurso para o termo linguagem. Talvez pela necessidade que as ciências naturais, a linguística, tiveram para se referir a um conjunto de palavras que permitem a expressão do discurso.

A linguagem definida assim fica presa a uma semântica, uma sintaxe e uma pragmática. Enquanto conjunto de palavras é a forma mais limitada de linguagem, empobrece-se pelas formalizações da língua, correndo o perigo de cair nas armadilhas verbais resultantes das relações entre as palavras e o pensamento. Neste ponto, fica difícil não registrar o que li em Paz:

"No sabemos en donde empieza el mal, si en las palabras o en las cosas, pero cuando las palabras se corrompen y los significados se vuelven inciertos, el sentido de nuestros actos y de nuestras obras también es inseguro...". (1974, s.p.)

Com o auxílio de Merleau Ponty (1984), sigo mais um pouco. Se não me equivoco ao ler o filósofo, o objeto básico de análise em qualquer comunicação humana é sempre uma pessoa humana, isto é, a experiência do corpo vivido. Quando a linguagem envolve-se com o mundo vida, com a experiência do ser, ela ganha expressão que nada mais é do que uma região de signos movimentando-se e combinando atos de consciência. A linguagem dentro desta perspectiva é uma forma de expressão da consciência.

Portanto o elemento da comunicação humana é a linguagem, qualquer linguagem. Joel Martins, ao longo do curso Fenomenologia da Comunicação, ministrado na Faculdade de Educação Física da UNICAMP em 1990, nos convida à reflexão no que diz respeito a dicotomia entre linguagem verbal e linguagem não verbal como formas de comunicação. Declarava que não existe uma linguagem do corpo: linguagem gestual mais linguagem verbal - é um todo impossível de separar. Não se pode afirmar mais a diferença entre discurso verbal e discurso corporal, pois o corpo é encarnado, não importando como se focalize a experiência consciente. Encarnação do corpo significa aqui ser no mundo como é o corpo, aquele que vive, que pensa, que age, que sente, que expressa e que tem consciência de si, assim como da presença dos outros.

A leitura que Martins faz de Merleau Ponty sobre o corpo é: não existe uma fala discursiva do corpo. O corpo não fala, o corpo expressa. Como expressão é possibilidade de linguagem. Uma linguagem transcrição das expressões corporais (sentimentos, emoções,

pensamentos, toda uma gama de possibilidades) num discurso.

Retomando a nossa linha de pensamento, a verdade é que, na história da humanidade, até hoje a leitura do **corpo-signo** não tem sido possível. Somos paisagem de signos por onde fluem as linguagens, mas a nossa linguagem sente-se incapaz de falar sobre o corpo. Creio que o problema está em assumir não só uma troca de idéias e conceitos, mas de **sensibilidade** no sentido de interpretar a unidade humana. Mais que uma troca de concepção do ser - **um voltar a ser**, onde o homem exprime-se diversamente segundo suas dimensões. É a possibilidade da união da linguagem com a realidade. Numa analogia: uma escrita vivida como corpo e um corpo lido como escrita.

Dificuldades para expressar o que é corpo é a proposição que não só se relaciona com a afirmação **corpo como coisa ampla**, como tem seu mesmo teor de argumentação e contextualização na interpretação do fenômeno.

A concepção **corpo como ser humano** é encontrada sob outras assertões, particularidades do corpo: **ser humano**, e conseqüentemente nas entrelinhas de **experiências de vida**. É o corpo como existência no mundo, em contínua relação com ele. Concepção de corpo que se opõe à uma concepção instrumental, quando os sujeitos expressam - "**não há hipótese de isolar o corpo, o ser**" (S1,6); "**não dá para se falar de corpo, não dá para se falar se não se identificar corpo como pessoa**" (S2,20); "...**não há experiência que eu não tenha**

participado que o meu corpo não tenha participado..."(S7,24) - somos um corpo como forma de presença no mundo.

Na leitura de Merleau Ponty (1984), corpo é berço de todas as significações. Em Georges Gusdorf (1973), corpo é a pré-história do conhecimento e das emoções. Em Edmond Barbotin (1970), o corpo é o ponto de referência em relação ao qual cada coisa toma seu lugar e torna-se situada. Graças a ele atraio todos os pontos do espaço: os concentro, os recapitulo, os interiorizo. Por ele o universo inteiro reside em mim, enquanto eu habito todo o universo.

Ao pensar o **corpo: ser humano**, não podemos deixar de lembrar que por mais abstrata que seja a ciência, ela permanece ligada a um "sujeito" e a um "objeto", os quais embora rebaixados, tanto quanto possível, a categorias de entes da razão, ou entes da realidade biológica fundamental, continuam sendo objeto e sujeitos humanos. É preciso então reencarnar nossa existência que é corporal, não como um ente contingente cuja carcaça é entregue só às ciências do homem. A tentativa está no sentido de não reduzir a realidade humana, o signo corpo-homem, numa só dimensão, quer seja ela material, espiritual ou intelectual. Caso contrário deturpa-se a sua significação. A afirmação **visão integrada**, também encontra-se dentro desta perspectiva.

Corpo funcionamento e corpo como "meio de" na relação no mundo e com as pessoas, são categorias que denunciam no corpo uma concepção instrumental. É o corpo instrumento de músculos, nervos,

epiderme, sangue, esqueleto. O instrumento que precisa funcionar perfeitamente. O meio de comunicação com o mundo e com as pessoas. Nesta perspectiva não somos o corpo presença no mundo e sim corpo como "meio de" presença no mundo. A distinção é sem dúvida uma diferença intrínseca entre as significações da realidade humana.

Contradições na fala do corpo e dualismo na fala do corpo, oferecem um panorama já conhecido e vivido por nós, de quanto o dualismo está enraizado na história das civilizações. Todo dualismo quer seja ele metafísico, antropológico ou mesmo semântico, apesar de vir resistindo à encarnação do corpo como homem, é falso, pois todas as dimensões da existência humana se referem ao corpo e nele encontram em última instância sua razão de existir. Sem dúvida caímos na linguagem dualista, por não conseguirmos ainda construir uma linguagem unitária para falar-mos do homem. Para não perdermos a nossa própria realidade humana é necessário permanecer na categoria de totalidade. Corpo concebido como metáfora do cosmo, onde cada um de nós é fragmento de uma frase e todas essas frases encontram-se integrando uma outra metáfora imensa - o universo.

As categorias: a relação idéia de corpo-leituras; a relação idéia de corpo-educação física; a relação idéia de corpo-mundo e a relação idéia de corpo-cultura, são proposições dos sujeitos que por estarem envolvidos no mundo, num certo tempo e espaço, numa determinada sociedade e com uma história de vida, assumem um compromisso de constante relação com as coisas e pessoas do mundo, e consigo mesmo. Assim, quando se lhes pede para expressar

uma idéia de corpo, a mesma tem haver com sua experiência de corpo, com a sua compreensão de mundo e de homem. É o sujeito impregnado da cultura em que vive. Construído no mundo. O corpo sendo compreendido dentro do universo da Educação Física. O corpo que se diz corpo pelas experiências e não pelas leituras realizadas sobre o tema, ou ainda, o que se diz incapaz de expressar o que é corpo pelo contrário do anterior, pela falta de leituras. Podemos incluir também neste contexto as proposições : **tipo de corpo, corpo como algo individual e corpo como forma individualizada e socializada e evolução da idéia de corpo.**

Corpo expressão, parece reunir nas entrelinhas da pesquisa não só todas as proposições dos sujeitos mas todo o encanto da realidade e mistério de ser corpo. Meu testemunho além de ser expressão traduz, mostra a expressão da idéia de corpo que os professores de Educação Física desta pesquisa corajosamente manifestaram. Me foi possível assim, passar à análise da intencionalidade no significado do mundo vivido dos sujeitos.

Outros aspectos ainda apareceram nas análises realizadas: **preocupações, aspectos do corpo, visualização, interrogação e corpos no mundo.** Mais uma vez, são nas palavras que viajam os significados. O homem é um signo, por esta condição se dá a significação e é possibilidade de significar.

Houve nas análises, uma divergência explícita num discurso que na verdade trata-se mais de uma contradição de que uma

divergência propriamente dita, pois a mesma se deu entre as próprias unidades de significado do discurso. É a denuncia, como já tínhamos falado na análise ideográfica do dualismo existente no discurso do sujeito 3.

O CORPO NA EDUCAÇÃO FÍSICA, UMA FALA OCULTA

É manifestação de realidade vivida como pesquisadora no mundo do discurso do corpo. Uma experiência total. Senti e me emocionei com a razão. Pensei com meus olhos, com meu tato. Operei uma troca. Para isto fui e voltei às descrições dos sujeitos, recorri às analogias, utilizei-me da intersubjetividade para dialogar com o que escreveram alguns grandes pensadores.

Fiz o caminho, captei, decifrei e interpretei significados desta paisagem. Não como uma justaposição de formas diferentes, mas uma relação possível destas formas diferentes. Encarnei a palavra e expressei-me numa linguagem cujo reino é a dialética.

Ao descrever esta pesquisa tentei escapar de uma escrita linear, para que cada página fosse um espaço que participa da significação de todo o texto. Foi um trabalho difícil que certamente revela também, o meu ser corpo. Identifico-me com a idéia de que **corpo:ser humano**. Aprendi com o diálogo entre o signo corpo e o signo não-corpo, que emergiu dos discursos e que **é o homem**.

Acredito que o universo se lê em nos, porém nos ainda não podemos lê-lo. Parece que a nossa linguagem desemboca em outras quando fazemos esta tentativa. E esta colocação ainda não contém de todo a nossa limitação. Somos um signo a mais entre outros signos, não obstante, a totalidade nos põe em movimento.

Deixo neste trabalho algumas reflexões que já não são minhas, passam a ser também do leitor. Escritor e leitor possuem momentos de uma mesma operação. Depois de escrito, o trabalho é recriado pelo leitor. O significado da pesquisa não está mais no que quiz dizer o autor mas no que diz o leitor do trabalho.

Como já escrevi antes, a minha contribuição após revelar o que surge no interior desta fala, é a possibilidade de oferecer às pessoas que se interessam pela compreensão do homem mais uma paisagem deste universo corpo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOTIN, Edmond. Humanité de l'homme - étude de philosophie concrète. Paris, Aubier, 1970.
- BRANDÃO, Carlos R. Diário de campo - antropologia como alegoria. Brasiliense, 1982.
- FREIRE, João B. De corpo e alma, o discurso na motricidade. São Paulo, Sumus, 1991.
- GUSDORF, Georges. O homem no mundo. Piracicaba: Instituto Educacional Piracicabano, 1973.
- MARTINS, Joel & BICUDO, Maria A. V. A pesquisa qualitativa em psicologia. São Paulo, Moraes, 1989
- MIOTTO, Gisele M. S. Linguagem corporal de expressão da criatividade e seu (des)envolvimento na educação física. Unicamp, 1991.
(Mestrado)
- MORIN, E. Ciência com consciência. Portugal, Europa-América, 1982.
- _____ O método II, a vida da vida. Portugal, Europa-América, 1980.
- PAZ, Otavio. Teatro de signos. Madri, Editorial Fundamentos, 1974.
- PONTY, Merlau Fenomenologia de la percepción. Barcelona, Planeta de Agostini, 1984.

SOUZA, Elizabeth P. M. A busca do auto-conhecimento através da consciência corporal: uma nova tendência. Unicamp, 1992 (Mestrado).